

Universidade Estadual do Ceará – UECE
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPGPq
Centro de Ciências e Tecnologia - CCT
Centro de Estudos Sociais Aplicados - CESA
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos – MPGNT



**O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IBICUITINGA/CEARÁ COMO POSSIBILIDADE
PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DO TURISMO**

Carolina Nogueira Adriano

Fortaleza

2014



Universidade Estadual do Ceará – UECE
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPGPq
Centro de Ciências e Tecnologia - CCT
Centro de Estudos Sociais Aplicados - CESA
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos – MPGNT



Carolina Nogueira Adriano

**O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IBICUITINGA/CEARÁ COMO POSSIBILIDADE
PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DO TURISMO**

Dissertação apresentada para conclusão do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos – MPGNT da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Prof. Orientador: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins.

Fortaleza

2014

Carolina Nogueira Adriano

**O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IBICUITINGA/CEARÁ COMO POSSIBILIDADE
PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DO TURISMO**

Dissertação submetida do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos
– MPGNT da Universidade Estadual do Ceará – UECE, para obtenção do título de
Mestre, aprovada no dia 05 de maio de 2014.

Banca Examinadora:

Professor Dr. José Clerton de Oliveira Martins
(Unifor - orientador)

Professora Dra. Luzia Neide Coriolano
(UECE)

Professor Dr. José Solón Sales e Silva
(IFCE)

Dedicatória

Dedico ao meu avô, Lucas Adriano da Silva. Foi por ele que fiz esse estudo. Quem me conhece profissionalmente sabe como ele sempre foi referência no meu trabalho e na minha vida pessoal nesses últimos anos. Ele me trouxe as referências do que é trabalho, de como deve ser feito com amor, dedicação e carinho. Mostrou-me os encantos de “deixar a vida lhe levar”, de ser feliz só por viver, por trabalhar, por respirar e por rir. Ensinou-me as “coisas do povo”, de como é ser cearense e “caboco” do sertão. Homem forte e simples, que me ajudou a entender um pouco de mim, de quem eu sou e de onde vim, traços da minha identidade. “Sr. Lucas” (como eu chamava há uns anos), Vô (como chamo hoje), agradeço por tudo e por todos.

Agradecimentos

Agradeço ao meu pai e à minha mãe (in memoriam), por todo empenho e carinho na minha vida. Ao meu pai, pela dedicação aos meus estudos desde criança e pela empolgação em cada leitura e apresentação que faço. Não tenho dúvidas, ele é meu maior torcedor. À minha mãe, que em vida sempre me apoiou em todas as minhas decisões acadêmicas. Sinto muita falta dessa segurança que ela me dava nos meus estudos. Parece que sabia sempre o futuro.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Clerton Martins, que é mais que um mestre, é um amigo, psicólogo e guru. Que me conhece não só como estudante, mas minha alma, mesmo eu estando em silêncio. Se não fosse ele, tenho certeza que não terminaria essa pesquisa. Seu jeito, seu silêncio, seu grito, sua compreensão e seu amor fizeram toda a diferença.

À Prof. Dra. Luzia Neide Coriolano, que nunca desistiu de mim e acreditou (muitas vezes mais do que eu mesma), desde a seleção do mestrado, na minha capacidade crítica e acadêmica.

Ao companheiro Afonso Tiago Nunes de Sousa, pelo apoio nas minhas decisões e pelas críticas, sugestões e intervenções precisas no decorrer do estudo.

Aos moradores de Ibicuitinga, aqui representados por Francisca Nayara Rodrigues e Mônica Adriano, pela atenção e contribuição na pesquisa, nas fotos, entrevistas e conversas cotidianas. Ri e chorei com esses moradores, que me mostraram a mais bela face do sertão: o amor pela terra e pelas pessoas.

“A maioria das pessoas passa de oito a doze horas por dia
fazendo coisas que não fazem sentido na vida delas
Permita-se!
Pra dilatarmos a alma
Temos que nos desfazer
Pra nos tornarmos imortais
A gente tem que aprender a morrer
Com tudo aquilo que fomos
E tudo aquilo que somos nós”

Fernando Anitelli, Gustavo Anitelli e Daniel Santiago (2013)
Musica “Amanhã Será” do “Teatro Mágico”

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
1. PATRIMÔNIO: CULTURA E IDENTIDADE.....	24
1.1. APRESENTANDO O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	36
1.2. SOBRE ESPAÇOS: TERRITÓRIOS E LUGARES.	39
2. O SERTÃO CEARENSE E SEUS SIGNIFICADOS	48
2.1. A CIDADE SERTANEJA DE IBICUITINGA	66
2.2. O PATRIMÔNIO CULTURAL SERTANEJO DE IBICUITINGA.....	76
2.2.1. A CULTURA DO FEIJÃO	77
2.2.2. A VIDA SERTANEJA EM IBICUITINGA	80
3. POSSIBILIDADES DO TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL DE IBICUITINGA	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
APÊNDICES	111
Apêndice 01 – Tópico Guia para Entrevistas.....	111
ANEXOS	112
Anexo 01 – Músicas	112
Anexo 02 – Rede Social do Encontro dos Profetas da Chuva	114

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Zonas Geográficas do Nordeste do Brasil.

Figura 02 – Mapa dos tipos de clima do Brasil.

Figura 03 – Paisagem do sertão com visão ao fundo de Ibicuitinga.

Figura 04 – Mapa das mesorregiões do Ceará.

Figura 05 – Mapa dos municípios do Sertão Central.

Figura 06 – Imagem de Vaqueiro do Sertão.

Figura 07 – Vista do caminho para Ibicuitinga, dentro do Sertão Central.

Figura 08 – Registro do período de secas.

Figura 09 – Vegetação do Sertão, em período de seca e após chuvas.

Figura 10 – Mapa da Cidade de Ibicuitinga.

Figura 11 – Vista aérea da Cidade de Ibicuitinga.

Figura 12 – Casa em Ibicuitinga.

Figura 13 – Cozinha nos fundos de uma casa em Ibicuitinga.

Figura 14 – Rua Coronel José Melquiades em Ibicuitinga.

Figura 15 – Igreja Matriz de Ibicuitinga.

Figura 16 – Praça de Ibicuitinga.

Figura 17 – Plantação de Feijão em Ibicuitinga

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Descrição das Zonas Geográficas do Nordeste Do Brasil

Tabela 02 – Descrição dos microterritórios do sertão cearense.

Tabela 03 - População Residente.

Tabela 04 – Indicadores Demográficos.

Tabela 05 – Indicadores Educacionais.

Tabela 06 – Indicadores de Analfabetismo.

Tabela 07 – População em Extrema Pobreza.

Tabela 08 – Renda Familiar.

Tabela 09 – Empregos Formais.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPECE – Fundação Instituto de Planejamento do Ceará.

ONGs – Organizações não governamentais.

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

OIT – Organização Internacional do Trabalho.

ONU – Organização das Nações Unidas.

CAGECE – Companhia de Água e Esgoto do Ceará.

COELCE – Companhia Elétrica do Ceará.

RESUMO

O tema desse estudo é o patrimônio histórico-cultural e o desenvolvimento local no Município de Ibicuitinga, localizado no Sertão Central do Estado do Ceará. Ao discutir o patrimônio cultural, reflete-se sobre uma nova proposta de desenvolvimento, que valoriza os sujeitos e conseqüentemente a cultura local. O objetivo do estudo é apresentar os patrimônios históricos de Ibicuitinga como alternativa de desenvolvimento local a partir do turismo cultural. Em Ibicuitinga, as políticas públicas e as ações de iniciativa privada e da sociedade são incipientes nesse âmbito. A pesquisa é etnográfica e qualitativa, sendo desenvolvida inicialmente uma pesquisa bibliográfica e documental, com posteriores visitas *in loco*, para entrevistas e pesquisa bibliográfica local. Logo após, foram organizados e sistematizados os dados para a análise. Os resultados alcançados mostram uma cidade marcada pelos costumes do sertão, mas já com problemas da modernização: como drogas e ausência de emprego e geração de renda. Identificaram-se dois principais patrimônios culturais: o cultivo do feijão e os costumes do cotidiano sertanejo. Foram propostas alternativas para um desenvolvimento local, a partir desses patrimônios culturais, com a implantação de práticas para o desenvolvimento do turismo cultural; incentivo e organização da agropecuária; desenvolvimento de um “símbolo” para a cidade (Exemplo: Ibicuitinga, a cidade do feijão) e educação patrimonial nas escolas, com história local. O desenvolvimento deve ser pensado a partir da riqueza que a localidade possui, a partir da cultura herdada, suas atividades predominantes, as possibilidades existentes, e, nesse sentido, as soluções devem ser pensadas de forma a atender às suas necessidades e à sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Turismo. Desenvolvimento local. Sertão. Ibicuitinga. História. Memória. Cultura.

ABSTRACT

The theme of this study is the historical and cultural heritage and local development in the Municipality of Ibicuitinga , located in the hinterland of Central State of Ceará . In discussing the cultural heritage is reflected on a new development proposal , which values the subjects and consequently the local culture . The aim of this study is to present the historical heritages of Ibicuitinga as an alternative local development from cultural tourism . In Ibicuitinga , public policies and actions of private enterprise and society are incipient in that respect. The ethnographic and qualitative research is being initially developed a bibliographic and documentary research , with subsequent site visits, interviews and site for bibliographic research . Soon after , were organized and systematized data for analysis. The results show a city marked by the mores of the hinterland , but have problems with modernization : how drugs and lack of employment and income generation . We identified two major cultural heritages : the cultivation of beans and customs of everyday backcountry . Were alternative proposals for local development , from these cultural heritages , with the implementation of practices for the development of cultural tourism ; encouragement and organization of agriculture ; development of a "symbol " of the city (Example : Ibicuitinga the Bean Town) and heritage education in schools , with local history . The development should be thought of from the wealth that the city has , from the inherited culture, their predominant activities , existing possibilities , and in this sense , the solutions must be designed to meet your needs and to your quality life.

Keywords: Cultural Heritage. Tourism. Local Development. Hinterland. Ibicuitinga. History. Memory. Culture.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada **O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IBICUITINGA/CEARÁ COMO POSSIBILIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DO TURISMO**, tem como área de estudo o Município de Ibicuitinga, no contexto do Sertão Central do Estado do Ceará, definido como região sertaneja. O tema abordado é o patrimônio histórico-cultural e o desenvolvimento sustentável local. O objetivo da dissertação é estudar o patrimônio cultural de Ibicuitinga/Ceará como alternativa de desenvolvimento local a partir do turismo. Estudou-se o patrimônio cultural por meio da memória sertaneja, buscando alternativas para o desenvolvimento de uma pequena cidade no sertão cearense.

O cenário do objeto é o sertão nordestino cearense. A cidade dista 140km da capital do estado, Fortaleza, e 44km de Quixadá e 36km de Morada Nova, duas cidades de maior porte da região semiárida do estado que possuem relevante importância econômica e histórica nesta região. Ibicuitinga possui localização privilegiada, no centro da zona geográfica, com vias que facilitam o deslocamento para outros municípios do estado. O sertão do estado do Ceará, conhecido por Sertão Central, abrange área de aproximadamente 16.000km² e é composto por treze municípios: Banabuiú, Choró, Deputado Irapuan Pinheiro, Ibareta, Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Quixadá, Ibicuitinga, Quixeramobim, Senador Pompeu, Solonópole e Milhã.

Ao discutir o patrimônio cultural, reflete-se sobre uma nova proposta de desenvolvimento, que valoriza os sujeitos e conseqüentemente a cultura local. Apresenta-se um estudo crítico, e ao mesmo tempo propositivo, sobre o lugar e a identidade cultural.

A importância da pesquisa consiste em possibilitar a compreensão da manifestação cultural dos sujeitos sertanejos em seu ambiente, por meio de ações e propostas singulares para superar as dificuldades encontradas. O conhecimento do espaço do sertão é um convite à continuidade de outras pesquisas envolvendo a temática. A análise do patrimônio cultural do município tem em vista as políticas de

desenvolvimento na escala humana e compreensão da dinâmica relacional de Ibicuitinga com os outros municípios que compõem o Sertão Central, os entraves e as oportunidades das relações na busca do crescimento do município, seja via turismo, lazer ou mesmo outras atividades econômicas.

A relevância de estudar pequenos lugares reside na possibilidade de captar os elementos centrais, as vantagens locacionais, de modo a compreender as possibilidades que o lugar apresenta de crescimento. Assim, a dissertação analisa a realidade de Ibicuitinga e identifica as possibilidades desse lugar, as dificuldades, os conflitos e contradições no contexto socioespacial da região e na busca de caminhos e soluções locais e regionais.

O sertanejo vive em pequenas e médias cidades, com costumes tradicionais, seguindo e obedecendo às regras impostas pelo meio ambiente. Sua moradia, alimentação, festas, trabalho e cotidiano são regidos pelas leis da Natureza e assim se adaptam ao clima semiárido, castigado pelas secas e pela ausência de políticas públicas. No entanto, essa realidade transforma-o culturalmente em rico e enraizado a terra, com costumes tradicionais preservados. A visão de homem rude com estereótipo de bruto, seco e ignorante, faz contraponto a de pessoas pacatas, trabalhadoras, resistentes e de relação bastante sensível com os laços familiares e regionais. A modernização chegou às regiões sertanejas, mas se acomoda de forma bem peculiar ao cotidiano do sertão. É nesse contexto que a cultura local, em embate com os novos modos de vida, resiste e se adapta às mudanças do mundo moderno do Ceará que se transforma.

Estudar essa cidade tão pequena no interior do sertão cearense é também o desafio. O patrimônio de uma cidade é o produto da história vivenciada pelo povo, resultante da época das gestões políticas, da economia, das lutas enfrentadas, do estilo, da vida e do cotidiano da gente do sertão. Todo e qualquer lugar possui história, que é um dos principais atrativos, pois é peculiar e distinta de qualquer outra. É ela que torna um lugar diferente de outro. No turismo, o viajante procura algo mais do que uma visita de lazer ou de negócios, deseja conhecer a cidade, os atrativos, aspectos ambientais (preservação e conservação de seus espaços) e

aspectos sociais (educação, saúde, qualidade de vida de sua população). A ausência de algum desses serviços resulta em impressão ruim, fazendo com que o turista não retorne ou mesmo não recomende o destino a outras pessoas. Visitar uma cidade que possui especificidades oriundas da história faz o visitante recomendá-la aos amigos. E o marketing do boca a boca é de fundamental importância para pequenas cidades.

Além disso, os estudos sobre cultura e identidade estão presentes desde a formação acadêmica da pesquisadora. No bacharelado em Turismo desenvolvido na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), seu trabalho monográfico foi sobre o patrimônio cultural do Centro Histórico de Fortaleza/Ce. Na especialização em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a mesma desenvolveu estudos sobre os símbolos culturais que permeavam a Beira-mar de Fortaleza/Ce. Continuando os estudos sobre cultura nos espaços e as identidades cotidianas e históricas, a investigação sobre o sertão e as questões em uma cidade daquele geossistema é bastante relevante e coerente com seu histórico acadêmico.

A pesquisadora possui uma relação muito próxima com o sertão devido suas raízes familiares sertanejas. E qual cearense não tem? As grandes cidades do Ceará, principalmente Fortaleza (a capital), são recortes de famílias oriundas do interior do Estado. A alma cearense é sertaneja. Alegram-se com as chuvas e com o mês de junho, com as famosas festas juninas (onde se vive o tempo do interior, do forró, da chita [tecido dos vestidos das mulheres], das fogueiras e das comidas típicas). Apesar de ser natural de Fortaleza, a paisagem sertaneja, que para muitos é estranha devido às árvores secas e às enormes rochas, lhe é muito familiar. Água de pote, burro na estrada, terra batida, coalhada fresca, passeios de carroça, lampião para iluminar, dormida com o barulho dos grilos são algumas lembranças de infância que, de alguma forma, chamam o indivíduo a voltar a estudar o sertão e relembrar não só o passado dos inúmeros sertanejos, mas o seu também. Investigar esse tema é se emocionar com as leituras e reivindicar melhorias ao povo tão sofrido daquela região e contribuir para a conservação das raízes cearenses.

Nessa viagem pessoal, Ibicuitinga tem um significado maior. Foi lá que seu pai nasceu e que até hoje vive seu avô e parentes próximos. É lá que vive as “coisas do povo”, que por vezes acorda com o sol raiando, que senta na calçada e vê o sol se pôr, que vai à feira domingo, que anda a pé por toda a cidade e onde todos conhecem seu pai e seus parentes. É onde se sente em casa. É de onde veio, são suas origens. Terra simples, sem muito encanto, diria o mais desatento, no entanto com a maior atratividade que um lugar pode ter: o povo, o jeito, os costumes, as crenças, as festas, a cultura sertaneja.

E por identificar poucos estudos sobre essas “coisas do povo desse lugar”, optou-se por uma proposta de estudo sobre a cidade de Ibicuitinga como possibilidades ao turismo cultural e, conseqüentemente, ao desenvolvimento local, e sobre sua cultura. Talvez pelo tamanho ou mesmo pela ausência de instituições acadêmicas, as pequenas cidades são às vezes esquecidas na academia. No entanto, esse papel de investigação histórica e cultural é dever das universidades para contribuir para o desenvolvimento das comunidades. Com a sociedade moderna e a urbanização dos lugares, algumas pessoas se esquecem da história e transformam os lugares em espaços padronizados. Estar/ser de um lugar faz a diferença na busca pela cidadania e satisfação pessoal. O ser humano vive em grupos e possui história e costumes.

Estudar a pequena cidade de Ibicuitinga do interior do Estado do Ceará, no Sertão Central, significa, de alguma forma, contribuir acadêmica e socialmente para o conhecimento do município com registros de fatos que as pessoas mais velhas viveram e que precisam ser registrados para que os jovens, que não vivenciaram, saibam e se sintam parte desse processo histórico contínuo que é a construção espacial do lugar, que assim o é por ter história e guardar memórias.

Além disso, faz-se necessário contribuir para futuras ações no lugar, com vista ao desenvolvimento local, com propostas que ajudem a organização social e o empreendedorismo na execução de políticas públicas e privadas.

A situação em que vive essa população não é tão diferente das outras cidades do sertão, castigada pelas secas e pela falta de infraestrutura. Em Ibicuitinga, as políticas públicas e as ações de iniciativa privada e da sociedade são incipientes, levando à sugestão de ações de integração e crescimento do município. Diante dessa realidade, elaboraram-se questionamentos que nortearam a pesquisa com o intuito de atingir o objetivo proposto: Quais as possibilidades que tem o município para desencadear o processo de desenvolvimento? Qual o potencial do patrimônio histórico-cultural de Ibicuitinga? Como esse patrimônio histórico-cultural pode contribuir para o turismo e o desenvolvimento de Ibicuitinga? Quais as possibilidades para o turismo em Ibicuitinga?

O ponto de partida da pesquisa foi admitir que se considerou a sociedade a principal dimensão a ser explicada e que o espaço contém a sociedade. Fez-se necessário saber como se vive, como se mantém e como se dão as relações de uso e ocupação do espaço natural e social. Tornou-se necessário estudar os diversos espaços ocupados pelo homem, com o intuito de entender as formas de ocupação estabelecidas e conhecer detalhes para os dados terem significados e expressarem melhor a realidade em foco.

É preciso olhar para o sertão e deixar o sertanejo falar, em um diálogo verdadeiro, disposto, que permita o encontro do sertão e no sertão, por meio da (re)descoberta do sertanejo por ele mesmo e por quem se dispuser a mudar essa realidade sem seguir essa tendência globalizada e capitalista do homem rude, infeliz e sem vida. Para conhecer o espaço e as pessoas que vivem no Sertão é preciso reconstruir a história do lugar, vividas pelos habitantes, resgatando e compreendendo a formação da sociedade e dos indivíduos; suas práticas sociais, produtivas e discursivas.

Os estudos científicos precisam ir além da investigação acadêmica e propor sugestões de avanço da temática estudada. Trabalhou-se com a temática das pequenas cidades sertanejas, caracterizando seu cotidiano, e principalmente, buscando possibilidades para o desenvolvimento, respeitando a cultura local.

Assim, a natureza do objeto de pesquisa necessitou de caminhos apropriados para investigação e interpretação. Dessa forma, entende-se que a escolha do método foi de extrema importância. Seguindo esse procedimento, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa e etnográfica, onde o investigador se utiliza de estratégias investigativas como narrativas.

É uma pesquisa etnográfica que busca compreender as relações socioculturais, os comportamentos, ritos, técnicas, saberes e práticas das sociedades. Este estudo por observação é necessário para analisar o comportamento das pessoas. Assim, não é suficiente fazer perguntas, mas observar o que as pessoas fazem, as ferramentas que utilizam e como se relacionam entre si. Buscou-se compreender a vida e a existência social como localizadas e resultantes no fato mais óbvio: o encontro e o relacionamento, que emergem todas as formas de negociação, solidariedade, valores, redes, transmissão, trocas, simbologias e cerimônias, conflitos e compartilhamentos.

Na investigação qualitativa, o investigador direciona-se ao campo na coleta de dados, de modo a obter mais harmonia e credibilidade na realização do estudo. A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, o que inclui a descrição de pessoas ou cenários para identificar temas ou categorias e a realização de interpretações sobre os significados, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem procedidas.

A abordagem qualitativa permite também identificação de subjetividades como comportamentos, emoções e aprofundamento no mundo dos significados das ações e relações humanas. Esse tipo de abordagem trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para entender a realidade apresentada, o processo de desenvolvimento da pesquisa passou pelos seguintes momentos: revisão da bibliografia e da base documental;

visitas para entrevistas e levantamentos de dados; organização e sistematização dos dados; análise dos dados levantados e conclusões do estudo.

As questões metodológicas estão subordinadas às teorias e aos conceitos explicativos dos temas em questão. Assim, a leitura da bibliografia serviu de base para as reflexões do fenômeno estudado. O estudo de conceitos como cultura, identidade, geografia e turismo, em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de revistas e jornais, juntamente com a revisão bibliográfica, com posterior pesquisa institucional, utilizando impressos oficiais em bibliotecas, entidades, acervos e arquivos públicos e particulares foram fundamentais nas referências bibliográficas.

A pesquisa documental também foi aprofundada nos seguintes órgãos: Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico – IBGE; Secretarias Municipais que possuem projetos nesse enfoque; Organizações não governamentais; dentre outros, na busca de dados demográficos, sociais, econômicos e turísticos da área.

Na segunda fase ocorreu o trabalho de campo para levantamento de dados exigidos pelo tema. Aplicaram-se entrevistas, buscando depoimentos, relatos, discursos que embasaram o estudo, que buscou compreender os questionamentos da pesquisa. As visitas à área de estudo, por várias ocasiões, serviram também para contato com o objeto estudado e para subsidiar as análises. Nas visitas, foram utilizados para registro das narrativas dos sujeitos recursos como diário de campo com registros com máquina fotográfica digital, havendo prévio consentimento dos participantes.

Destaca-se também a relevância das anotações no diário de campo, tanto na elaboração das descrições etnográficas quanto nas análises e discussões. O diário de campo é um registro da observação participante, no qual se relata a experiência do pesquisador em relação aos fatos estudados e aos participantes, quando dizem o que fazem e o que pensam. É uma forma de ordenação das notas e um instrumento de autodisciplina. O diário de campo é um instrumento de controle da investigação, pois nele se registra o modo como se produz o conhecimento, orientando a

subjetividade e o papel do investigador. Torna-se relevante, pois é uma informação relatada no momento em que acontece.

O diário de campo surgiu da necessidade de anotar, para posteriormente 'relatar', as percepções observadas durante as atividades em campo. Foram feitos registros no diário de campo em todas as visitas de estudo, nas entrevistas e leituras *in loco*. No recolhimento de dados no diário, procurou-se fazer descrições de situações vivenciadas que traduzissem tanto quanto possível o desenrolar do processo em investigação. O tratamento de dados recolhidos através do diário de campo foi essencialmente descritivo, procurando-se a mais completa descrição da situação, inclusive na apresentação destes dados. Esta forma de registro possibilitou, também, a construção de um espaço autônomo de reflexão e distanciamento relativo dos acontecimentos durante a investigação. Os relatos foram identificados com data, local, horário, fase da pesquisa e observações.

Quanto às entrevistas utilizadas, foram as semiestruturadas, pautadas na representação social, com roteiro contendo perguntas de partida e norteadoras, com a pretensão de aproximar os discursos e a vivência dos informantes, implicações e impactos no seu modo de vida. A entrevista semiestruturada é uma técnica de investigação a qual deve ser complementada por outras, como a observação participante, por exemplo, pois, assim, é possível a obtenção mais fiel da realidade. Foram realizadas quinze entrevistas.

Na terceira fase compreendeu-se a organização dos dados e interpretações sistemáticas, com elaboração das avaliações e dos resultados. Estas fases não possuem uma sequência linear, estando concomitantes às vezes, proporcionando movimentos constantes entre a teoria e a prática. Os resultados obtidos foram subsídios para as análises.

Outro momento da pesquisa foi a compilação de dados, análises e reflexões, na sistematização de algumas conclusões e propostas para a cidade.

Esses momentos são apresentados pela autora dessa dissertação em três partes, além da introdução, da conclusão e dos aspectos textuais exigidos nesse tipo de estudo acadêmico. O intuito da autora foi escrever a dissertação como um caminhar pela região. Iniciando com conceitos gerais e penetrando ao específico, com passagens muitas vezes poéticas e cheias de significados, próprios dos patrimônios culturais. Trabalhou-se no sentido de entender a alma desse município e não somente as questões técnicas. Com amor, mas pautada nos erros e acertos que todos os estudos etnográficos têm e única também, com sentidos, características e jeitos identitários.

No decorrer da dissertação, detém-se em discutir primeiramente as questões inerentes ao patrimônio histórico, à cultura e identidade, perpassando conceitos e visões de estudiosos sobre o tema. Posteriormente, ainda na primeira parte apresenta-se o 'desenvolvimento local' e inicia-se a discussão sobre os espaços, territórios como detentores de cultura e seus lugares, cheios de memórias e identidades. É nesse ponto que se inicia a descrição de como a cultura diferencia os lugares.

A partir daí, adentra-se na segunda parte, que fala do espaço do sertão com suas peculiaridades e história. Nesse item, descreve-se desde a parte analítica e geográfica dessa região, às percepções abstratas, com seus símbolos e significados. Vale lembrar que esse sertão contém a cidade, suas raízes são construídas nessa região, com muitas similaridades com as vizinhas, além de suas distinções. Ibicuitinga é uma cidade sertaneja e carrega em si toda a memória e os costumes dessa região. Após a explanação sobre o contexto em que está inserido o município, descreve-se algumas características e a história do lugar, destacando os principais patrimônios culturais da cidade e seus costumes cotidianos, encerrando assim essa segunda parte.

Na terceira parte, o estudo se detém nas discussões sobre as percepções e possibilidades a serem desenvolvidas no município a partir do turismo cultural. Primeiramente foram analisados os dados, os documentos, as entrevistas e as percepções obtidas nas visitas ao local, construindo assim um diagnóstico dessa

situação, com as oportunidades e fraquezas de Ibicuitinga. Posteriormente, apresentaram-se propostas e contribuições para o desenvolvimento local e uso e conservação dos patrimônios da cidade.

Ao falar da cultura sertaneja e local, não haverá separação do que seja rural ou urbano. Entende-se essa distinção como muito complexa, pois não há nas áreas rurais apenas atraso tecnológico e rusticidade e o conceito de que as cidades são símbolos da modernidade e de atividades tipicamente consideradas urbanas. Hoje, o campo é dotado de vários serviços e atividades que, até pouco tempo atrás, eram exclusivos das cidades, como energia elétrica, conexões via satélite (como a TV a cabo e a internet) e a presença da própria indústria. A modernização levou ao campo elementos e hábitos considerados urbanos, ao mesmo tempo em que a transferência da população do campo para as cidades levou para estas, hábitos e estilos rurais, ficando difícil distinguir o que é urbano do que é rural, de modo que, as características do campo e das cidades passaram a dividir os mesmos espaços. Os critérios estabelecidos para a classificação se concentram na densidade populacional e/ou de residências. Não importando o volume populacional, toda e qualquer sede de município é considerada como urbana, bem como toda a população concentrada neste distrito sede. Há uma discordância desses critérios, pois eles não consideram as atividades realizadas e os hábitos presentes nesses locais. Dessa forma, mesmo localidades muito pequenas e totalmente dependentes de atividades agrícolas pouco modernizadas seriam consideradas, assim como sua população, urbanas, independente da atividade predominante e das características socioculturais do local.

Além disso, nas margens das cidades, verifica-se que não existe uma separação muito nítida entre o urbano e o rural, mas sim, uma passagem gradual de um elemento para outro. A partir da forte relação entre os espaços urbanos e rurais reconhece-se, portanto, a existência de um contínuo “cidade/campo”. Nesses espaços, ocorre um compartilhamento, ou interseção, de usos do solo, atividades socioculturais e interesses políticos e econômicos associados ao rural e ao urbano. O município de Ibicuitinga possui essa inter-relação, em que se percebem os

costumes um dentro do outro, rural e urbano interagindo e ao mesmo tempo moldando-se.

Mesmo com a urbanização, a população não abandona tão rapidamente os hábitos rurais. Pelo contrário, estas práticas conseguem resistir, gerando contrastes nos modos de vida das cidades. Ao lado de atividades comerciais e industriais, passam a ser preservadas características rurais. Este quadro é observado com frequência nas pequenas cidades, ou em cidades médias do interior, fortemente ligadas ao campo, que tem na produção agropecuária a base de sua economia.

Atualmente, a urbanização da população continua ocorrendo do campo para a cidade, implicando no aumento das ruralidades nas zonas urbanas e na constatação de que, apesar das altas taxas de urbanização, se manifestam atividades tipicamente rurais, fazendo com que o município não seja tão urbano quanto parece. Forma-se algo em que não é possível dissociar o rural e o urbano, pois um está dentro do outro formando uma identidade sertaneja.

Entendendo o município estudado dentro dessa totalidade, vale lembrar que esse trabalho foi desenvolvido com o intuito de ser uma leitura que faça “parar” para pensar e sentir o desejo e o anseio de sujeitos que vivem para seu trabalho e buscam a harmonia entre o amor (família, lazer) e a razão (trabalho). Este é um estudo pleno de vida. Busca apresentar o peculiar de uma pequena cidade sertaneja, mas também mostrar o contexto global em que ela está inserida. Ir além e também propor alternativas para a melhoria de vida nessa cidade, com propostas para o desenvolvimento local a partir do turismo cultural.

1. PATRIMÔNIO: CULTURA E IDENTIDADE

Inicialmente se apresentará os conceitos de patrimônio histórico, cultura e identidade, base teórica da dissertação. Definir patrimônio cultural é primordial para o entendimento deste trabalho, pois o objeto analisado é a cidade de Ibicuitinga com as possibilidades do crescimento. São edificações, fatos e histórias; o espaço do lugar como totalidade.

Falar de patrimônio cultural é referir-se à porção de coisas consagradas e que têm grande valor para pessoas, comunidades e nações, coisas que têm importância para todo o conjunto da humanidade. A ideia remete à riqueza construída e transmitida, herança ou legado que influenciam o modo de vida do ser e a identidade dos indivíduos e grupos sociais em um determinado lugar.

Patrimônio é o conjunto de bens que pertence a um lugar ou a alguém. Esses bens são concretos e podem ser descritos, sem alterações temporais, climáticas e condicionais. O patrimônio histórico, porém, não se nomeia nesses princípios. Anteriormente, definia-se somente por monumentos de grande valor histórico. No entanto foi ocorrendo no conceito de patrimônio histórico algumas transformações.

Adota-se assim o conceito de “Patrimônio Histórico e Artístico” da Constituição Federal (1988), que no artigo 216 define-o:

Constitui o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnológico, bibliográfico ou artístico. [...] Patrimônio Cultural constitui os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Englobando as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Constituição Federal, 1988, Art. 216).

Com todas as transformações e discussões da sociedade, o patrimônio histórico passa por análises. A terminologia patrimônio cultural abrange os traços que a Constituição esquecera, englobando toda produção humana de ordem emocional, intelectual e material, independente da origem, época ou aspecto formal.

São levadas em consideração todas as formas de manifestações culturais. Manifestações que remetem à memória, ação e identidade dos grupos que formam a sociedade brasileira. O artigo constitucional 216 trata dos elementos formadores do patrimônio cultural, sujeitos ao amparo pelo Estado, como formas de expressão, a língua, a música, a dança, a religião, ambos relacionados também a todos os objetos considerados imateriais, como a comida tradicional de diversos lugares do Brasil, prova da miscigenação que formou a sociedade nacional.

O tombamento dos patrimônios edificados ocorre devido à preocupação com a preservação e conservação dos patrimônios, cada vez mais ameaçados de destruição. Consiste em um registro do bem em um livro de tomo, cujas páginas contêm registros dos bens considerados valiosos e sujeitos às leis de preservação do patrimônio. Para as edificações, implica não poderem ser demolidas nem modificadas em seu aspecto externo ou em suas características essenciais, implicando também que, num raio de 300 metros, nada pode ser modificado (BARRETTO, 2003).

Não há unanimidade quanto à legitimidade da conservação como alternativa à preservação. Na verdade, os preservacionistas acreditam que a conservação destrói a aura do bem cultural. Para os críticos da conservação, uma loja dentro de um casarão do século XVII é um uso equivocado. O uso correto seria manter a casa como era em sua melhor época e, em todo caso, abrir uma ala para transformá-la num museu público ou em casa de cultura. O problema, geralmente, é que o bem protegido transforma-se em equipamento com pouca utilidade social e nenhuma viabilidade financeira, que onera o Poder Público responsável. Essa discussão é bastante complexa e nos dois casos há bons exemplos. É bem verdade que a exclusão total de alternativa de uso de uma levará a saturação da outra e acabará perdendo o encanto desse então patrimônio.

Quando o bem é edificado, além do conhecimento da história e da importância deste, é necessária uma utilização, sendo ela educativa, transformando-o, por exemplo, em biblioteca; cultural, em museu ou galeria; turística, em hotel; comercial, em banco ou magazine; científica, um centro de pesquisas. Um local não utilizado se perderá no esquecimento e na essência.

Essa questão é discutida entre os estudiosos, pois alguns acreditam que a mudança de utilização em um espaço o faz perder sua aura, porém é necessário admitir que esses espaços podem ter utilização ultrapassada para a atualidade, sendo assim nunca transformado em um lugar visitado e frequentado. Outros acreditam que o isolamento de um patrimônio é uma forma de garantir sua originalidade, porém questiona-se a validade de possuir um bem que não possa ser frequentado e visitado. É correto afirmar que existem locais que devem ser resguardados para continuidade, porém, vale a discussão que se acredita que somente a comunidade poderá decidir, pois é proprietária do bem, visto ser seu produto. Não é justo que estudiosos, cientistas e historiadores decidam o futuro de um patrimônio cultural.

A educação interferirá bastante na decisão da comunidade, pois é a partir dela que se adquirem valores e conceitos de cidadania, coletividade e participação. Uma população que não possui esses conhecimentos certamente desnorteará e interferirá erradamente na continuidade do bem. No Ceará, esta realidade é bastante crítica, pois há um baixo nível escolar da população, descaso do poder público e as entidades que trabalham com a educação pouco tem modificado esse quadro educacional em que as cidades cearenses se encontram, para assim haver o compromisso com o legado cultural do local e a defesa do patrimônio cultural.

Estudiosos acreditam no conhecimento do patrimônio e da história local como fator de autoconhecimento e da preservação da cultura. Pessoas que procuram os ancestrais e possuem educação patrimonial ajudam na defesa da cultura e do patrimônio. Quem não sabe do passado histórico perde a cultura e as raízes. Guardam-se fotos de momentos da vida e de pessoas (família, namorados, amigos) não apenas para lembrar, mas porque elas servem de base para o futuro. As

peças também querem saber das histórias dos outros e as redes sociais são exemplo disso. Os indivíduos buscam as histórias dos amigos, comentam e discutem, pois o ser humano tem desejo de conhecer, saber e compartilhar. Entrar num prédio onde morou Barão de Mauá, ver seus pertences e saber de sua história causa uma sensação melhor do que ler algo sobre o mesmo; tal qual andar na praia inspiradora do poema “Navio Negro”, de Castro Alves. São lugares históricos que fazem mudar quando a eles insere-se a história. É necessário que a população se veja nessa manifestação e tenha conhecimento para adquirir a cultura que outrora fora sua.

O patrimônio cultural se reconhece como a memória e o modo de vida da sociedade, compreendendo tanto elementos materiais como imateriais. Patrimônio cultural é, portanto, o conjunto dos elementos para os quais se reconhecem valores que identificam e perpetuam a memória e referências do modo de vida e identidade social. Resulta da dialética entre as pessoas e o ambiente ou comunidade e território. Território constituído não apenas por objetos do passado oficialmente reconhecidos, mas por tudo que liga a pessoa ao seu passado, tudo que os seres humanos atribuem ao legado material e imaterial de seu lugar.

E no que tange a herança humana, Martins (2003) mostra que um patrimônio assim não é algo sem importância, fruto de convenções sociais, é dinâmico, serve para proporcionar aprofundamento nos contextos sociais, históricos, econômicos. Tudo que representa a impressão, seja no nível material ou simbólico, representa uma interferência humana que, portanto, é cultura, que por sua vez, é patrimônio cultural (p. 71).

Os sujeitos e a cultura expressam algo que leva à percepção das identidades. As identidades são elaboradas por pessoas que assimilam valores da cultura dos lugares que habitam e estes passam a fazer parte de cada um, formando uma unidade que conjuga o modo de ser subjetivo.

A identidade de um povo é um todo dinâmico que perpassa sentimentos subjetivos e as avaliações de qualquer população que possua experiências comuns com uma ou

mais culturas compartilhadas, como costumes, língua e religião; e não como algo que se refere a padrão fixo, ou a elementos culturais homogêneos, denominador comum de modos de vida e de atividades que estabilizam o mundo social. As identidades são elaboradas e assimiladas com os valores do espaço e a contribuição sociocultural do lugar ao qual pertencem (MARTINS E CORIOLANO, 2009).

A identidade de um povo está na sua cultura. Pode-se entender como tudo aquilo que é construído pelo ser humano, incluindo os mitos, símbolos, ritos, crenças, todo o conjunto de conhecimentos e todo o comportamento. Portanto, conhecer e valorizar a cultura são autoafirmações do que se é. A definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades. São aspectos peculiares de um determinado povo com suas crenças, ritos e experiências comuns que formam a identidade particular, a identidade nacional, brasileira, americana ou argentina.

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. Essa construção da identidade, ou identidades, vai se moldando quando um determinado grupo se apropria de seus valores, manifestações, perpetuando-os na sua história, passando de geração a geração.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que se é, mas daquilo no qual se torna.

Assim não se fala de identidade como coisa acabada, deveria falar-se de identificações e vê-las como um processo em andamento, que surge não somente da plenitude em si, que já está dentro de nós como indivíduos, mas da falta de

inteireza que é “preenchida” a partir do exterior, pelas formas através das quais se imagina ser visto por outros.

A identidade pode ser abordada em relação à questão de gênero, pode ser definida a partir da religião que se professa, pode ser construída, e geralmente o é, com a contribuição da atividade profissional que uma pessoa exerce. Ela está intimamente ligada ao grupo étnico ao qual se pertence, o que já inclui outras categorias como língua, costumes. Há muito o ser humano tem buscado de várias maneiras identificar-se, tomar consciência de si mesmo, tornar-se singular em meio a diversidade de crenças, de costumes, de tradições e de experiências evidenciadas pelas diferentes sociedades. Tendo como norte o fato de que a cultura é sempre dinâmica, móvel e ante o impacto avassalador de um mundo globalizado, tornou-se prudente preservar os bens que compõem a história vivenciada, individual ou coletivamente, considerando o diverso e as expressões dessa diversidade, um aporte para a construção da identidade cultural.

As observações de Gramsci (1987) também dizem que o elemento da identidade é a situação de classe e, mais precisamente, as condições em que esta classe vive, trabalha, organiza-se e, ao mesmo tempo, pensa e problematiza sua vida em sociedade.

O conceito de identidade assim implica semelhança em si próprio, oriunda da condição de vida psíquica e social relacionada com o ato de reconhecer a si mesmo e ao outro.

A identidade tem como suporte fundamental a memória, considerada mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência, em nível individual e social, sendo eixo de atribuições e que articula e categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade.

Segundo Martins (2003), a identidade seria o sentido de pertencer que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que são. Aquilo que as identifica para com os colegas do mesmo grupo integrado. O que faz o cearense se identificar com outro, mesmo com toda a individualidade de cada pessoa. O autor diz que a identidade é a

construção do próprio homem. Ao refletir sobre o assunto, percebe-se que o mesmo tem razão. Quanto mais se conhece os outros e a si mesmo, mais se descobre os problemas, erros, virtudes e diferenciais, que trabalhados servem para o desenvolvimento humano. Sendo assim, quando se perde essa identidade, acabam-se os vínculos com o passado e interfere-se, então, no próprio futuro.

Expressão atribuída ao poeta popular Patativa do Assaré, cearense, explica esta simbiose: "eu saí do sertão, mas o sertão não saiu de mim". Os lugares, sejam sertão ou praia, floresta, semiárido, ou regiões polares, apresentam peculiaridades naturais e culturais que marcam as pessoas com o sentido de ser do lugar, ou o sentimento de pertencimento, de enraizamento. Assim, a cultura determina o comportamento dos indivíduos e justifica suas realizações, uma vez que o ser humano age de acordo com padrões culturais. É um processo cumulativo, resultante da experiência histórica das gerações anteriores, processo que limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.

A cultura está intimamente ligada à construção mental das imagens da realidade no campo simbólico, fundamental para a orientação da ação do homem. Cultura é a maneira de sintetizar as formas em que os grupos se distinguem de outros grupos.

Diz Da Matta (1981) que cultura não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização", mas a maneira de viver de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é assim um mapa, um receituário, um código por meio do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É algo que está dentro e fora de cada um de nós, como as regras de um jogo de futebol, que permitem o entendimento do jogo e, também, a ação de cada jogador, juiz, bandeirinha e torcida. Quer dizer, as regras que formam a cultura (ou a cultura como regra) é algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vivem.

O conceito de cultura, ou, a cultura como conceito, então, permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos. Precisamente porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores. Mesmo diante de formas culturais aparentemente irracionais, cruéis ou perversas,

existe o homem a entendê-las ainda que seja para evitá-las, como fazemos com o crime, é uma tarefa inevitável que faz parte da condição de ser humano e viver num universo marcado e demarcado pela cultura. Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos (DA MATTA, 1981, p.4).

Cultura se faz com processos em que se discutem e se investigam problemas, permitindo a participação e o conhecimento de todos em alternativa societária e assumida como projeto da coletividade.

A cultura, por consistir num conjunto de obras humanas, está presente em qualquer sociedade que tenha organização de ideias, reações emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual. As pessoas não experimentam sua própria vivência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos. Elas também a experimentam como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Deve-se levar a sério a autonomia dos eventos sociais e culturais, “os quais, entretanto, são causalmente condicionados por eventos econômicos” (THOMPSON, 1998, p. 93). Acredita-se que os eventos econômicos são também eventos humanos, que, por sua vez, encontram-se entrelaçados com eventos sociais e culturais. Assim, a cultura é um reflexo também da relação econômica.

Permite-se compreender a interação entre classe social, cultura e consciência de classe, sempre na direção de uma formação contínua. Os ritos são representados e transmitidos, possuindo várias origens e significados devido às noções próprias do povo em torno da sua memória, fazendo e construindo a cultura. Nesse sentido, a experiência vivida pelos operários teria dado à classe uma dimensão histórica. Experiência seria, então, uma espécie de solução prática para que se pudesse analisar os comportamentos, os valores, as condutas, os costumes, enfim, a cultura.

Vive-se um tempo em que as sociedades perdem cada vez mais os tradicionais costumes, velhos hábitos, gêneros de vida, profissões, e muitos paradigmas são substituídos por outros. O Ceará possui identidade agrária pelo processo histórico de modernização que passou recente e imprime-lhe uma identidade urbana, moderna e

turística. Os cearenses que estão inseridos nessa sociedade mudam, também, as formas de ser, estar, fazer, sentir, pensar, e assim, significa uma nova identidade do Ceará e das pessoas. Muda-se o circunstancial, sem mudar o essencial, a cearensidade, ou o jeito de ser cearense perdura, prevalece não sendo entrojado completamente (MARTINS E CORIOLANO, 2009).

A cultura é diversificada. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior, e é graças a ela que se consegue compreender o valor histórico, o sentido da vida, os direitos e deveres. Nada disso ocorre por evolução espontânea, por ações e reações independentes da própria vontade, como ocorre na natureza vegetal e animal, onde cada ser singular seleciona e especifica seus próprios órgãos inconscientemente, pela lei natural das coisas. O homem é, sobretudo, espírito, criação histórica e natureza consciente e evoluída.

O conceito de cultura é intimamente ligado ao de universo simbólico, construído para além das genéticas do homem, em que se multiplicam as formas de vida, os comportamentos e os significados mergulhados também na realidade política da organização socioeconômica do lugar onde vive.

Diz Ribeiro (1995) que a cultura é o modo singular do povo exercer sua humanidade: audível, na língua que fala, ou na forma de cantar; visível nas coisas típicas que faz; observável, nos seus modos de conduta. Seguindo a lógica, Gramsci (1987) também defende que a compreensão do termo cultura passa pelo processo de autodomínio e de autoconhecimento, que são base da consciência crítica unitária. Os autores falam claramente que a cultura faz ser o que se é e se identificar, se reconhecendo diariamente nas ações da nossa vida, além de fazer diferenciar-se em grupos.

A cultura é tema bastante discutido em diferentes espaços institucionais e com multiplicidade de conceitos e definições que são realizadas nas diferentes áreas do conhecimento. A cultura é conceito complexo e precisa ser mais estudada devido aos vários pontos de vista que ganha com o passar dos anos.

A cultura não é particular, mas sempre coletiva. Clifford Geertz fala que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias s diária e coletivamente (GEERTZ, 1973). Lévi Strauss (1976, p. 61) também a define pelo poder simbólico e mostra que cultura é “um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana”.

Essas visões sobre cultura e patrimônio levam-nos a pensar no contexto em que se vive. Se por um lado tem-se um processo intenso de perda de raízes e referências culturais, por outro se verifica a ampliação dos debates em torno do assunto da preservação do legado cultural e da memória local. Discussões e projetos, oriundos de vários segmentos da sociedade, resgatam o ressignificado do legado cultural das comunidades, em movimento no qual se surgem resistências à padronização da cultura. O resgate e o registro da documentação dos traços culturais constituem pauta de discussão das gerações atuais. Ações de educação patrimonial são essenciais e urgentes. Nesta história, o turismo está diretamente envolvido, podendo ser vilão ou auxílio às comunidades.

Contra a dominação do modelo hegemônico, a resistência cultural toma forma em defesa das culturas locais, nacionais ou regionais, tratando de protegê-las da depredação e abandono ocasionados pela modernização e globalização. A diversidade cultural, que é a riqueza da humanidade, está sendo ameaçada da mesma forma que a diversidade biológica das espécies, pela dinâmica destruidora e homogeneizadora do modo de produzir capitalista hegemônico.

A luta para salvar a pluralidade cultural humana não tem sido suficiente. Deve-se associar à luta pela invenção de uma nova universalidade humana, de uma cultura universal emancipadora.

A defesa da cultura não pode se manifestar em forma de nacionalismos estreitos e intolerantes ou de manifestações religiosas agressivas e fundamentalistas, que, por mais que se apresentem como “anti-imperiais”, são inimigas de projetos culturais emancipadores, assim diz Lowy (2005). Outras expressões degradadas de autoafirmação identitária são os racismos, sexismos e xenofobias, que se traduzem

no progresso de forças políticas neofascistas que trazem o ódio ao “estrangeiro” (árabe, africano, judeu, cigano, ou simplesmente “não branco”), assim como dos brasileiros nordestinos.

Há que ser preservacionista, sem ser xenofóbico. Não se pode isolar lugares, pois as integrações entre os espaços geram novos conhecimentos e manifestações. Necessita-se preservar, mas possibilitando o desenvolvimento e crescimento dos lugares e pessoas. As tecnologias possibilitam benefícios às populações. Precisa-se utilizá-las de forma a respeitar as manifestações culturais para que contribuam para a melhoria de vida social. Os avanços tecnológicos produzem geladeira, telefone, avião e inúmeros produtos que facilitam a vida humana na terra. Deve-se usufruir esses benefícios, proteger e minimizar os malefícios que surgem no processo. O isolamento não é a melhor saída e pode fragilizar os lugares.

Percebe-se claramente nas relações estabelecidas na América Latina, onde alguns países parceiros se protegem internamente para exercer a soberania, mesmo com ajuda de outros países parceiros. Venezuela, Bolívia, Brasil e Cuba lutam para crescer e estabilizarem-se econômica e culturalmente dentro de seus territórios, no entanto ajudando-se reciprocamente, protegendo a si mesmo e aos outros, formando um bloco.

Segundo Lowy (2005), a primeira tarefa de uma resistência cultural eficaz é precisamente estabelecer vínculos e conexões entre as várias reivindicações democráticas, as diversas lutas sociais, assim como entre estas e o movimento operário, buscando terreno comum, convergência que respeite a autonomia de cada um, mas os associe no combate comum contra a padronização e degradação global (que ele denomina dominação imperial), contra o racismo e o poder patriarcal, contra a lógica desumana do neoliberalismo.

A mercantilização, no capitalismo, não significa apenas que a cultura se torna uma mercadoria como as outras, mas esvazia os produtos culturais do conteúdo humano, das qualidades artísticas ou sociais, que são dissolvidas pelo valor de troca, isto é, em quantidades monetárias.

Segundo Lowy (2005, p 5):

O desafio é construir uma nova cultura universal, democrática e plural, uma cultura da solidariedade fundada em alguns princípios gerais.

1. O reconhecimento e o respeito das diferenças: o objetivo é, segundo a célebre fórmula dos zapatistas, “um mundo no qual cabem muitos mundos”.
2. A emancipação dos seres humanos de todas as formas de opressão, exploração, alienação e degradação.
3. A des-mercantilização da cultura, sua autonomização em relação às leis do mercado, seu livre desenvolvimento em função de seus próprios critérios.
4. O respeito à natureza, o restabelecimento do equilíbrio ecológico entre as sociedades humanas e o meio ambiente natural, em vias de destruição pela lógica produtivista do mercado (LOWY, 2005, p. 5).

É a diversidade das culturas reagindo contra a uniformidade. Um conflito entre multiculturalismo e uniformismo técnico. Primeiro foi a reação da biodiversidade ecossistêmica (na forma da desarrumação ambiental do planeta), agora é a reação da homodiversidade (na forma de explosão dos separatismos). Pensar e viver no mundo atual passa pelo reconhecimento da pluralidade e diversidade de sujeitos e de culturas com base no respeito e tolerância recíproca, concebendo as diferenças culturais não como sinônimos de inferioridade ou desigualdade, mas equivalentes a plural e diverso.

A convivência plural harmônica avança lentamente no sentido de acolher a diversidade cultural, considerando a rapidez com que se propagam as práticas preconceituosas, racistas, estereotipadas ou xenofóbicas diante do “outro”. As ações efetivas têm sido tímidas na maioria das instituições formadoras (incluindo as escolas e universidades) com vistas a uma educação multicultural capaz de ensinar e aprender a lidar com práticas discriminatórias. Quando muito, sobressai-se a retórica vazia de sentido político, sem grandes repercussões concretas.

Ao discutir os princípios que devem gerir e preservar essa nova cultura depara-se com um conceito mal utilizado por muitos anos e que passa uma visão de industrialização, no entanto é uma saída bastante discutida atualmente, com bases locais: o desenvolvimento.

1.1. APRESENTANDO O DESENVOLVIMENTO LOCAL

“Desenvolvimento” foi uma ideia construída pelos países dominantes para “explicar as desigualdades” entre os países sem discutir profundamente as diferenças e explorações, responsabilizando-os pela situação desvantajosa em relação aos países centrais do capitalismo. Conceito associado à ideologia de que as nações pobres poderiam superar tais problemas, caso caminhem segundo as regras dos países dominantes.

Ao desenvolvimento atribui-se significados, valorações e direções, associado a algo positivo e que conduz para o melhor. Quase sempre falar de desenvolvimento é falar do futuro, do mundo que se quer e não do mundo que se vive. Desenvolvimento é um processo multidimensional, territorial, ambiental, econômico, social e cultural. Essa forma de percepção que tem modelado a realidade, produzindo mitos, fantasias, paixões, violência e políticas. Portanto, para tratar da realidade é preciso deixar explícito os elementos e os nexos principais que conduzem a lógica do desenvolvimento hegemônico e qual desenvolvimento se pretende alcançar, desde que fuja do proposto pela economia clássica e reduzido ao crescimento econômico. É assim que Coriolano (2012) explica o desenvolvimento.

Nesse estudo se pensa o desenvolvimento pela lógica não hegemônica da não produtividade a qualquer custo, com competitividade e acumulação, mas que oriente pessoas e organizações para a produção e o consumo partilhado, respeitando os ciclos da natureza e o ser humano. Nesta perspectiva, praticamente inverte-se a ordem clássica, a economia colocando-se em função das pessoas, centrada no ser homem e não na acumulação do capital.

O desenvolvimento econômico não é simplesmente o reflexo de um processo de nacional em um dado lugar. O que caracteriza o processo local é o protagonismo das pessoas locais, na formulação de estratégias, na tomada de decisões econômicas e na sua implementação. Trata-se, portanto, de um processo

de desenvolvimento econômico que se baseia na autonomia dos sujeitos locais que, muitas vezes, caminham em oposição ao pensamento dominante.

O desenvolvimento local é aquele realizado em pequenos lugares de forma participativa, levando às mudanças socioestruturais, com caráter endógeno. Nele, os habitantes possuem relativa autonomia para explorar o potencial do território que beneficie a maioria deles e decidir como cada um pode contribuir com inovações e trabalho. São os residentes os agentes principais do desenrolar de todo processo de desenvolvimento e zelam pela qualidade dos relacionamentos interpessoais, interinstitucionais, aproveitando as sinergias em benefício da coletividade, afirma Coriolano (2012).

A tendência em se pensar e planejar o desenvolvimento é dotá-lo de um caráter mais humano, no sentido de considerar o homem simultaneamente como sujeito e beneficiário. Trata-se de um pressuposto óbvio, que as pessoas devem participar ativamente e não apenas receberem o desenvolvimento. Há uma dificuldade tanto em entender como em executar, pois decorre de concepções e posturas pouco ou nada conciliáveis e mesmo opostas ao sistema que vivem as pessoas. Perpassa por mudanças de paradigmas e forma de viver, pensar no coletivo e no futuro das novas gerações.

Para refletir o desenvolvimento na escala humana, toma-se o pensamento de Neef (1994) como referência para aprofundar e criticar as teorias de desenvolvimento. A escala humana se efetiva com as políticas públicas reorientando suas prioridades para o social e para o homem como beneficiário quando se aprofunda na sociedade a consciência da dignidade do ser humano e quando se extingue a estrutura social que agride sistematicamente os direitos da pessoa humana.

O desenvolvimento em escala humana concentra-se e sustenta-se na satisfação das necessidades humanas fundamentais, na geração de níveis crescentes de auto-dependência e na relação dos seres humanos com a natureza e a tecnologia, dos processos globais com os comportamentos locais, do pessoal com o social, do planejamento com a autonomia. Pensando na realidade dos territórios, cada povo

tem esquemas específicos que orientam a redistribuição dos bens econômicos e são sustentados por valores/lógicas que os alimentam e os mantêm.

A sustentabilidade proposta pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU (1987) pauta-se nos princípios de equidade social (direito de cada um inserir-se no processo de desenvolvimento), eficiência econômica (gestão dos recursos econômicos e financeiros para garantir o funcionamento eficiente da sociedade) e prudência ecológica (a racionalização do consumo, usos de tecnologias limpas, definição de regras para a proteção ambiental).

As comunidades, cidades e governos de todo o mundo recorrem cada vez mais a estratégias de desenvolvimento local, em resposta aos desafios da globalização e ao incentivo à descentralização. Promovem a participação e o diálogo a nível local, estabelecendo a ligação entre as partes interessadas do setor público e do setor privado e os respectivos recursos, com vistas a um melhor emprego e a uma melhor qualidade de vida para homens e mulheres. Assim, é um processo que aborda uma combinação das questões sociais, econômicas e ambientais relativas a um território, procedendo à identificação de soluções integradas para a criação de emprego e o trabalho digno.

Um conceito que se utiliza no estudo, e ajudou na análise das informações, foi o de comunidade, que consiste em um grupo específico de pessoas que residem em uma área geográfica determinada, compartilham uma cultura comum e um modo de vida e são conscientes do fato de que compartilham certa unidade, elementos como idioma, costumes, localização geográfica, visão do mundo ou valores. Uma comunidade é um conjunto de pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, geralmente vivem no mesmo local, sob o mesmo governo, ou compartilham do mesmo legado cultural e histórico.

Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento (da situação comum), a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo (WEBER, 1973, 142).

A Agenda para o Trabalho Digno da OIT, pensando nas comunidades locais, identifica como estratégias de desenvolvimento econômico local ações e objetivos que consistem no crescimento sustentável, na inclusão social e na melhoria da economia informal (MILANI, 2003). Portanto, desenvolvimento precisa ser local, endógeno, realizado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos, capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população. Representa singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando capacidades e potencialidades específicas dos lugares.

Para ser um processo consistente e sustentável, o desenvolvimento deve remodelar as oportunidades sociais, viabilizar a competitividade, aumentar a renda e as formas de riqueza, ao tempo em que assegura a conservação dos recursos naturais. Assim, as comunidades utilizam suas potencialidades específicas e qualidades superiores para se especializar nos campos em que têm uma vantagem comparativa em relação às outras regiões.

Aplicando essas reflexões ao desenvolvimento de Ibicuitinga, considera-se o patrimônio cultural da cidade, com todos os recursos que podem ser utilizados para desenvolvimento, tais como: a história da cidade, prédios e dos tipos populares, os fatos importantes à cidade, elementos cruciais para o desenvolvimento voltado para a cultura humana.

1.2. SOBRE ESPAÇOS: TERRITÓRIOS E LUGARES.

A cultura está diretamente relacionada ao espaço produzido como consequência da história socioeconômica de cada grupo social. Nem mesmo dois indivíduos veem exatamente a mesma coisa quando olham a realidade natural. Essa ideia choca algumas pessoas, porque implica no fato de que nem todas as pessoas relacionam-se da mesma maneira com o mundo em torno de si. Outra diferença de olhares encontra-se entre pessoas criadas em culturas burguesas e consumistas com costumes elitizados e aquelas que são movidas por cultura solidária, humanizada e

de aproximação com a terra, a Natureza. Esses indivíduos tornam-se distantes, pois os costumes e as formas de pensar são diferenciais.

A cultura é o resultado do meio cultural onde a pessoa foi socializada. Ela é herdeira do processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. De alguma maneira, pensa-se nessa identidade como parte da nossa natureza essencial, que nos faz sentir como indivíduos de um grupo, sociedade, Estado ou nação. As pessoas sentem-se identificadas umas com as outras e, ao mesmo tempo, distintas das demais. Assim, a identidade, a similaridade e a diversidade marcam o sentimento de pertencer ao todo. Esses indivíduos vivem e produzem esse espaço.

O espaço resulta da organização das pessoas e grupos, das suas ações, mudando com o tempo e a cultura. Segundo Hall (1977, p.72), “a globalização e a tecnologia vêm transformando a vida dos indivíduos que, às vezes, se sentem estranhos em seu próprio espaço.”. Há mudanças que ocorrem fisicamente, porém ainda perpetua-se na mente da comunidade.

O espaço é um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressar as estruturas sociais nas mais diversas dimensões. O simbolismo ganha materialidade e é produzido pelas relações sociais subordinadas ao modo de produção que sustenta a sociedade. As superestruturas ideológicas, políticas, jurídicas e culturais erguem-se a partir da infraestrutura econômica. O espaço geográfico capitalista é o espaço das classes sociais, do modo-de-produção. Segundo Santos (2009), o espaço é um conjunto indissociável de que participa de um lado certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os pertence e os anima, a sociedade em movimento. Portanto, é produto, condição e meio do processo de produção da sociedade em todos os seus aspectos. Assim, ele se cria a partir da natureza que é totalmente transformada no curso de gerações. O espaço aparece como movimento historicamente determinado num processo social.

Parcelas do espaço, apropriadas individualmente (em função de propriedade privada da terra), têm valor. A compra e venda da terra mediada pelo mercado, quer em

função da utilidade (enquanto meio de vida) ou da perspectiva da valorização do capital (enquanto condição da produção material), ou pela perspectiva da comercialização da terra, numa avaliação atual do valor do espaço na sociedade contemporânea, possui relação direta no turismo, quando se fala da especulação imobiliária das áreas turísticas.

Na percepção das representações simbólicas no espaço, Martins (2004) diz que os valores representados pelos significados e símbolos projetam-se no espaço geográfico e, ao mesmo tempo em que dele vai apropriando-se, imprime marcas como que dizendo “isto sou eu” e em comunhão com o grupo social, “isto somos nós”. E Martins (2004, p.3) continua dizendo:

Esse processo não é breve e nem tem um final. Ele reúne história, conhecimento e demonstra em várias linguagens a relação que o povo local tem com o espaço geográfico, lugar que é identificado como extensão de si mesmo, todo espaço é sua casa, seu lar, seu lugar, uma significação de existência dando um toque de peculiaridade, identidade, referência e essência desse lugar, como por exemplo: a técnica de preparação dos alimentos, a combinação de sabores baseada no que a terra oferece, a maneira como o homem se relaciona com o místico, os templos, igrejas, sinagogas, terreiros, centros, as festas, a celebração por conta da chuva, ou do sol, ou a realização de um ritual ancestral, a adaptação da cultura alienígena que construiu a história local, as lendas, os mitos, as guerras do povo em defesa de seu espaço, a arte nativa, a arquitetura, as relações sociais, os laços afetivos, etc.

Assim sendo, o processo produtivo não ocorre nesse espaço delimitado, o qual leva em consideração desde a venda da força de trabalho até a conversão final em mais-valia, mas em múltiplos momentos espaciais que extrapolam fronteiras. Ultrapassa territórios, fronteiras e limites convencionais, pois é heterogêneo, descontínuo e sobreposto, além de impor um desafio que é o de captá-lo enquanto fato dinâmico, por onde perpassam não somente a individualidade, mas, sobretudo, o cotidiano da coletividade.

Para Coriolano (2004), o espaço é formado e moldado a partir de elementos históricos e naturais, mas é um processo político. O espaço é político e ideológico, um produto literalmente repleto de ideologias. O que explica também as simbologias que o habitam e, conseqüentemente, o constroem. O espaço produzido pelo homem é o resultado de um processo de adaptação à natureza, que vai produzindo ao longo

do tempo o chamado patrimônio cultural, revelador das particularidades culturais das cidades, das chácaras, das fazendas, dos lugares apropriados pelo homem.

O espaço é local e ao mesmo tempo, por meio do produto do trabalho e das redes de circulação e comunicação, é mundial. O espaço é não homogêneo e possui diversos centros direcionadores e, mais do que isso, uma temporalidade inerente à estrutura da ocupação de ser no mundo. Organiza-se, configura-se e deixa-se perceber a partir das coisas, dos objetos que compõem cadeias significativas, mas também na existência global. Da Matta (1997, p.29) diz:

O espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida. Para sentir o ar é preciso situar-se, meter-se numa certa perspectiva. [...] Do mesmo modo, para que se possa "ver" e "sentir" o espaço, torna-se necessário situar-se.

Assim, como cidadão, pertence-se a um espaço eminentemente público e determina-se o próprio ser em termos de um conjunto de direitos e deveres com a nação. Admite-se que o homem é dominador da produção do seu espaço, visto ser ele o produtor do mesmo. O espaço é a interação do homem em seu meio.

O espaço passa a ser território pelas interações e determinações. As configurações territoriais são o conjunto dos sistemas naturais, herdados por uma determinada sociedade, e dos sistemas de engenharia, isto é, objetos técnicos e culturais historicamente estabelecidos. A significação advém das ações realizadas sobre elas. É desse modo que se pode dizer que o espaço é sempre histórico. Sua historicidade deriva da conjunção entre as características da materialidade territorial e as características das ações. Por essa razão emerge, com força, a questão dos territórios, em seu aspecto de construção cultural ou enquanto espaço de afirmação da identidade e da autonomia de culturas distintas.

Daí afirma Souto (2000) que os territórios são relações sociais no espaço, que podem formar-se e dissolver-se, construir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido, ser antes instáveis do que estáveis, e mesmo ter uma existência regular ou apenas periódica, em alguns momentos. Já para Coriolano (2004), são meios e produtos dessas relações de força e de poder que se estabelecem de forma

contraditória e articulada, criando regiões e lugares diferenciados. Hall (1977) relata que ao contrário da crença popular, o comportamento territorial, em qualquer etapa dada da vida, é bastante fixo e rígido. As fronteiras dos territórios permanecem razoavelmente constantes, como acontece com a localização para atividades específicas dentro do território, tais como dormir, comer e fazer ninhos. O território é, em todas as acepções da palavra, uma extensão do organismo, marcada por signos visuais, vocais e olfativos. O homem criou extensões materiais da territorialidade, bem como marcadores territoriais visíveis e invisíveis.

O território se apoia no espaço e é a produção a partir do espaço, devido relações envolvidas que se inscrevem em um campo de poder. Portanto, os atores territorializam o espaço, apropriando-se por meio do trabalho humano e revelando relações marcadas pelo poder.

A observação contundente é de Martins (2003, p.43) ao afirmar que:

Os grupos configuram sua existência através da ocupação de um lugar, de um campo espacial próprio. Ali, marcam as regras, normas de comportamento, vestuário, linguagens, ritos, etc., que atuam como delimitadores do acesso ao grupo. Essas definições conferirão a unidade e identidade a seus integrantes. Assim, a posse de um território confere identidade ao grupo e aos seus componentes – ter e ser no espaço.

A territorialidade está relacionada à apropriação pelas pessoas da terra em que vivem, onde demonstram seus símbolos, costumes e ações específicas daquele dado povo. A percepção utilizada no estudo refere-se ao sentido de pertencimento de um grupo ao espaço em que vive e assim o considera seu, pois a área acaba adquirindo seus traços. Verifica-se que o poder público e a iniciativa privada pouco têm poder influenciador na determinada área. No Brasil ocorreu há alguns anos quando o cantor Michael Jackson visitou o país. Ele desejava fazer um clipe musical na favela da Rocinha e para a execução teve que pedir autorização aos moradores do local, mesmo obtendo licença do governo. Somente a permissão federal não era suficiente, pois quem comanda o território são os moradores. Vale também ressaltar que se considera território uma porção do espaço.

Para mim a terra natal não é exatamente o lugar onde nossos mortos estão enterrados; é o lugar onde temos as nossas raízes, onde possuímos nossa

casa, falamos nossa linguagem, pulsamos os nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos. É o que todos desejamos, no fundo do coração: sermos reconhecidos e bem recebidos sem nenhuma pergunta (SANTOS apud MARTINS, 2004. p.04).

Já o lugar é o espaço da experiência vivida, das relações do cotidiano, de construção de identidade e herança histórica. É o espaço da herança histórica, projetando-se a percepção de realidades construídas no passado, modernizadas de acordo com a economia e renovadas com os avanços culturais. O lugar local é base de sustentação do território organizado e o produto social, um espaço de construção coletiva, sendo constantemente definido e redefinido a partir de ações em um contexto de relações entre indivíduos e grupos. É lócus de construção de sentido, palco de manifestações simbólicas, de raízes históricas e culturais. Pode-se, portanto, considerar que o espaço é uma realidade que se transforma continuamente sob a ação das forças econômicas em tempos históricos.

A construção do espaço social começa com a apropriação, transformação e uso do território. O espaço geográfico é um espaço em movimento, capaz de produzir mudança social. Nesse sentido, é uma evolução bem caracterizada pela ideia de passado, presente e futuro, sendo fonte de criação de formas sociais ou de adaptações que se produzem nos contextos de redefinição das espacialidades. Os lugares passam à condição de espaços em redefinição e ficam sujeitos aos determinantes das mudanças na totalidade social, a partir da combinação e sobreposição de forças internas e externas que influem, fluem e confluem no território.

Traz-se a discussão sobre “lugar”, que tem como fator determinante a relação com a cultura do local. Na percepção filosófica, diz Coriolano (2004) que o lugar com sua singularidade é o espaço onde o global se realiza, sendo cada lugar, à sua maneira, o mundo. Assim, por estar contextualizado no mundo ele é exponencialmente diferente dos demais e, quanto maior a globalidade corresponderia também a uma maior individualidade. A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. É um equívoco tentar encarar o local e o global como dicotômicos, separados no espaço e no tempo, pois seus processos estão intimamente ligados.

O lugar determina a construção da identidade cultural porque permite ao homem forjar laços de identificação e também um sentimento de pertencimento. O lugar é ponto de apoio, de certezas, constitui um referencial para quem vive em determinado espaço, apresentando suas raízes. É visto como conhecimento, intimidade, sentimento de pertencimento, aproximação, raiz.

Vale a explanação também de Freire e Pereira (1998), que relaciona lugar a identidade, relatando que, além de expor-se naturalmente à apreciação do público, o lugar pode falar sobre si mesmo e explicitar sua identidade, com sua localização geográfica particular, com um conjunto único de qualidades espaciais, históricas e sociais.

A partir dessas observações, pode-se definir o aspecto utilizado na dissertação quanto a essas terminologias: Espaço: é o resultado da interação do homem em seu meio; Território: é o espaço político social ocupado por uma pessoa ou grupo com regras, costumes e líderes; e Lugar: é a porção espacial que se refere ao lócus real de um indivíduo no seu meio. A rua onde mora, a praia onde pesca, o prédio onde trabalha, isso se constitui no meio mais influenciador de ações e atitudes humanas.

Estudar espaços implica refletir sobre identidade e memória. O homem na construção de seu espaço faz caminhos e absorve costumes, que são fatores intrínsecos dos aspectos acima. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. No turismo essa necessidade aumenta, visto suas utilizações não somente na cultura de uma sociedade, mas também nos atrativos por ele nomeados.

As pessoas têm memória de seu passado enquanto ser social. Para Halbwachs (2004), cada um atua nos diversos meios de forma particular e cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, percepção que varia conforme o lugar social do indivíduo, lugar que muda de acordo com as relações com outros meios sociais.

A memória (...) é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é

aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, 'coletiva'. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir à alteridade, ao 'tempo que muda', às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. A memória é, portanto, um elemento constitutivo da identidade, tanto coletiva quanto individual, e elemento importante para o reconhecimento e a valorização de indivíduos ou grupos, agindo para reforçar sua auto-estima (FREIRE; PEREIRA, 2002, p. 125).

Sobre a importância da identidade de um determinado local, pode-se dizer que o indivíduo precisa recorrer à memória coletiva quando quer saber sobre fatos que não testemunhou e que fazem parte de seu passado e de sua comunidade. Recuperar ou manter a identidade, a cor local, aparece neste final de século como necessidade generalizada em face da globalização. Manter algum tipo de identidade, sendo ela étnica, local ou regional, parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos aos seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança.

Tudo isso tem levado à padronização de gostos, atitudes, valores e expressões que, de um lado, facilita a dominação econômica e cultural e, de outro, deixa os lugares sem sua cor local, levando indivíduos, num determinado ponto, a se perguntarem: mas afinal, quem sou eu? De onde venho? Quais são as minhas raízes e a minha história? Além da questão identitária, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do local. Um monumento ou prédio dificilmente será alvo de um ato de vandalismo, por exemplo, por parte de alguém que conhece seu significado, que conhece o que ele representa para sua própria história, simplesmente porque se identificará com aquele monumento ou prédio. Sabe que aquela construção no fundo é sua, pois faz parte da sua história.

As ações humanas vão formando a relação emocional com o espaço, que por sua vez se concretiza nas mesmas, formando os ditos lugares de memória. Depois de entender um pouco os termos espaço, território, lugar, identidade, memória e principalmente a relação que possuem, adentra-se nos específicos lugares de memória. Para Benevides (1998), esses locais são onde uma espécie de saudade ancestral parece sempre pronta a invadir olhares mais atentos. Para qualquer

observador, é difícil ir a esses lugares sem descobrir-se querendo fazer falar objetos mudos, questionando a textura física da vida, sendo tomado pela magia de temporalidades dispares, rompendo os limites do tempo presente, perguntando pelo passado, para ressignificar a própria existência.

Lugar e memória possuem relação intrínseca, pois surgem de vínculos que sugerem pertencimento, afeição, intimidade e constituição mesma da personalidade do indivíduo. As memórias são importantes registros que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários na visita ao passado, trazendo em si os mais diversos sentimentos. Assim, lugar de memória é onde se encontra o material, simbólico e funcional. São lugares que registram uma história regada de cumplicidade, significados, afetividade, pertencimento e alma. A memória está estratificada no lugar.

Esses lugares podem ser aqueles nos quais experimentamos as alegrias das primeiras emoções e descobertas, ou as tristezas das primeiras dores e das grandes perdas. Podem, pois, ser a casa dos avós, a cidade natal e suas ruas, parques, igrejas, mercados, praças, jardins, cemitérios, etc. Esse passado contém, além da saudade de um tempo que acabou, mil outros sentidos: ele expressa tudo que poderia ter sido, mas não foi, a tristeza de toda existência que só existe quando cessa de ser outra coisa, o pesar de não viver na paisagem e no tempo evocado pela música...enfim, o desejo de algo completamente diferente do momento presente, definitivamente inacessível ou irremediavelmente perdido: o Paraíso (ELIADE, 1996, p.13.)

Assim, identifica-se que o espaço da cidade possui peculiaridades produzidas por suas memórias, construídas pela história do povo na sua relação com o meio e seus costumes.

No espaço do sertão, verificam-se todas essas questões aqui discutidas, voltadas para a cultura e identidade, uma cultura sertaneja. Ribeiro (1995) relata um tipo particular de população com uma cultura própria, marcada por especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo.

2. O SERTÃO CEARENSE E SEUS SIGNIFICADOS

Esse estudo investiga o potencial cultural do lugar para seu desenvolvimento local, entendendo-o como um lugar de memória, com identidade cultural impressa concretamente nos patrimônios históricos que possui. Dessa forma é que se precisa pensar para discutir e analisar Ibicuitinga.

Apesar das enormes distâncias entre os núcleos humanos desses currais dispersos pelo sertão deserto, certas formas de sociabilidade foram se desenvolvendo entre os moradores dos currais da mesma ribeira. A necessidade de recuperar e apartar o gado alçado nos campos ensejava formas de cooperação como as vaquejadas, que se tornaram prélios de habilidade entre os vaqueiros, acabando, às vezes, por transformar-se em festas regionais. O culto dos santos padroeiros e as festividades do calendário religioso - centralizado nas capelas com os respectivos cemitérios, dispersos pelo sertão, cada qual com seu círculo de devotos representados por todos os moradores das terras circundantes - proporcionavam ocasiões regulares de convívio entre as famílias de vaqueiros de que resultavam festas, bailes e casamentos. Afora essa convivência vicinal e que se circunscrevia aos vaqueiros da mesma área, o que prevalecia era o isolamento dos núcleos sertanejos, cada qual estruturado autarquicamente e voltado sobre si mesmo, na imensidade dos sertões (RIBEIRO, 1995, p.343).

Sertão cearense é um dos maiores geossistemas do espaço cearense, um lugar geográfico ou social, chamado sertão, que acompanha caminho que recebe ora uma avaliação positiva, ora negativa. As definições de sertão fazem referência a traços geográficos, demográficos e culturais: região agreste, semiárida, longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoadas e onde predominam tradições e costumes antigos, tradicionais. Lugar inóspito, desconhecido, que proporciona uma vida difícil, mas habitado por pessoas fortes, segundo a cultura popular. A força de seu habitante aparece relacionada à capacidade de interagir com a natureza múltipla. O “cabra”, ou cangaceiro, aparece como a encarnação do herói sertanejo. Para além destes atributos, aparece no imaginário social a ideia de que não há um sertão, mas muitos sertões. Portier (2013, p31) relata:

O território do vazio, o domínio do desconhecido, o espaço ainda não preenchido pela colonização. É, por isso, o mundo da desordem, domínio da barbárie, da selvageria, do diabo. Ao mesmo tempo, se conhecido, pode ser ordenado através da ocupação e da colonização, deixando de ser sertão para constituir-se em região colonial.

Portier, indo na contramão de alguns autores, afirma que o sertão não é apenas um espaço geográfico, delimitado por fronteiras politicamente bem estabelecidas e demarcadas. Caso assim fosse, ter-se-ia que falar em “sertões”, assim, no plural, uma vez que, vistos dessa forma, estes estariam situados em áreas distintas, compreendidas em diversos estados do nosso país, dotadas de características naturais relativamente próprias e semelhantes, mas, separados por delimitações fronteiriças onde “sertão” seria apenas aquilo que estivesse contido em sua circunscrição. O sertão é muito mais do que isso. É espaço praticado, formado por camadas sobrepostas de histórias ocorridas ao longo de séculos de acontecimentos, contextos sociais, vivências entrecruzadas. Seguindo por essa linha de raciocínio, a caatinga seria uma espacialidade dotada de elementos simbólicos recorrentemente agenciados por discursos que pretendem representar o espaço sertanejo.

Apesar de usualmente a palavra sertão aparecer relacionada à região Nordeste do Brasil, seu significado original refere-se a uma região afastada dos centros urbanos, distante ou com pouca "civilização". O nome é derivado da expressão "desertão", utilizada na época colonial para referir-se a um lugar deserto ou a um desertão ou, simplesmente, o interior de um país ou região. Os portugueses chamavam o semiárido de desertão pelas condições climáticas, e desta forma, com a repetição do "de", esse passou a ser chamado apenas de "sertão" (CHACON, 2007). A figura 1 apresenta as zonas geográficas do nordeste onde está localizado o sertão.

Figura 01 – Zonas Geográficas do Nordeste Do Brasil



Fonte: IBGE (2014)

O sertão nordestino é uma das quatro sub-regiões do Nordeste do Brasil. O IBGE dividiu a região em quatro zonas geográficas (sub-regiões):

Tabela 01 – Descrição das Zonas Geográficas do Nordeste Do Brasil.

Zonas Geográficas	Descrição
Meio-Norte	Faixa de transição entre a Amazônia e o Sertão nordestino. Engloba o estado do Maranhão e o oeste do estado do Piauí.
Agreste Nordestino	Faixa de transição entre o Sertão e a Zona da Mata. É a menor zona geográfica da Região Nordeste. Estende-se do Rio Grande do Norte até o sul da Bahia.
Zona da Mata	Localizada no leste, entre o planalto da Borborema e a costa, se estende do Rio Grande do Norte ao sul da Bahia.
Sertão	Localizado, em quase sua totalidade, no interior da Região Nordeste, sendo sua maior zona geográfica.

Fonte: IBGE (2014).

O Sertão estende-se por grande parte da Bahia, do estado de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Piauí; por todo o Ceará e por uma pequena parte do Sergipe e de Alagoas. Ao contrário dos demais semi-desertos do mundo, o sertão não margeia um grande deserto, mas sim zonas úmidas. Isso explica as peculiaridades biomáticas e a atipicidade demográfica (IBGE, 2014).

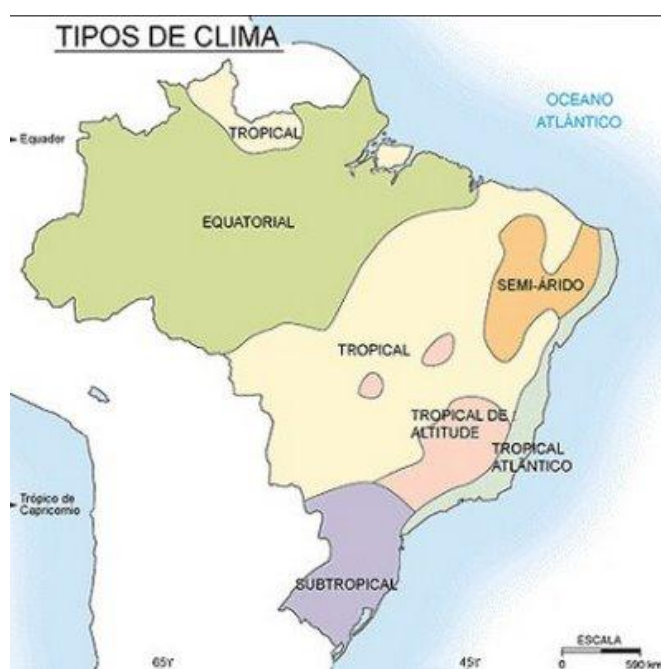
Essa área é dominada pelo clima tropical semiárido (quente e seco), apresentando temperaturas médias elevadas, entre 28 °C e 45 °C, e duas estações bem definidas: uma seca e outra chuvosa. As chuvas concentram-se em apenas três ou quatro meses do ano. É a sub-região que apresenta o menor índice pluviométrico de todo o país. A escassez e a distribuição irregular das chuvas nessa área devem-se, sobretudo, à dinâmica das massas de ar e também à influência do relevo. Na maior parte do Sertão, as chuvas geralmente ocorrem entre os meses de dezembro e abril. Porém, em certos anos, não ocorrem precipitações nesse período e a estiagem pode de prolongar dando origem às secas, que acarretam grandes prejuízos aos produtores rurais, que perdem suas lavouras e criações, e à população em geral, que sofre com a falta de alimentos e água potável.

A Caatinga é a vegetação predominante em todo Sertão e em parte do Agreste. Ocupa as áreas de clima semiárido, resistindo às secas através de adaptações naturais.

O sertão nordestino caracteriza-se pelo predomínio do clima semiárido, com ocasionais períodos de estiagem, razão pela qual essa região é também conhecida como "polígono das secas". A pecuária é, ainda hoje, a principal atividade econômica.

A compreensão do significado do conceito de espaço regional é essencial para alguém interessado na problemática nordestina. O Nordeste semiárido é um território físico, ecológico e antropogeográfico, da ordem espacial de duas a três vezes a do estado de São Paulo. Esta população forma um povo e uma cultura amarrados à rusticidade da vida econômica e social nas caatingas. Encontra-se uma centenária cultura popular de raízes linguísticas centradas em fundamentos ibéricos e aperfeiçoadas ao calor das forças telúricas e ameríndias, em um ambiente físico e humano que não reservou lugar para os fracos e acomodados (AB'SABER,1999).A figura 2 apresenta o mapa de clima do país onde se vê a área de clima semiárido no Sertão.

Figura 02 – Mapa dos tipos de clima do Brasil



Fonte: IBGE (2014)

O processo de ocupação do país ocorreu no sertão entre os séculos XVI e XVII, com o deslocamento da criação de gado do litoral devido à pressão exercida pela expansão da lavoura de cana-de-açúcar, que era o principal produto de exportação da economia colonial. A área foi conquistada por povoadores com escassos recursos e o desenvolvimento da pecuária possibilitou o desbravamento nos sertões. Os caminhos de boiadas assim criados permitiram a articulação e o intercâmbio entre o litoral nordestino e o interior, dando origem a diversas cidades (PONTE, 1993).

O sertão passou a ser povoado em função da caça ao índio e da conquista dos campos para a pecuária. Mas o povoamento só se intensificou a partir do século XVIII, quando a Revolução Industrial estimulou o desenvolvimento da cultura do algodão, justificando assim a (des)organização territorial nessa região, com apropriação exploratória dos colonizadores na busca de expandir a agricultura.

Durante o período que marcou a expansão das bandeiras, sertão foi o termo que serviu para designar as terras a desbravar que estavam sendo descobertas. Trazendo as marcas do processo colonizador, refletindo a linguagem, do civilizado. Essa era a forma de nomear o desconhecido, expressando o pensamento do europeu sobre o novo continente. O sertão passa a ter expressão cultural e ideológica que reforça o distanciamento entre o eu e o outro. Nesse momento o termo sertão brasileiro foi empregado como contraponto à civilização lusitana (PEREIRA, 1995). Significava o incerto, o atrasado, o desconhecido, o longínquo, o selvagem; um lugar povoado por homens rudes e pobres onde as condições naturais e geográficas compactuavam com a violência e onde reinavam os chefes locais nos vazios do poder central. Tal situação ao longo dos séculos não se extinguiu e se perpetua até hoje em certas localidades e no estereótipo do povo.

A ocupação pelo pastoreio é o primeiro assalto sobre a natureza hostil. O sertão ruralizado pela criação do gado começa a ser povoado. Vencer o vazio da cultura e superar a resistência natural passa a ser a grande responsabilidade dos grupos rurais. Vale dizer que o regime pastoril produziu relações sociais e econômicas

próprias e delas existe, ainda com algumas modificações, em tempos atuais, caracterizando a apropriação do território.

Os prolongados períodos de estiagem são os principais problemas do sertão nordestino. A falta de água tem levado ao uso dos "Caminhões-Pipa" pelos nordestinos moradores de áreas sem saneamento. Equipamentos modernos implantam tecnologia para solucionar esse problema nos lugares menos desenvolvidos do sertão nordestino. A ideia mais atualizada é implantar sistemas de cisternas nas regiões de seca. Assim, os governos e o terceiro setor estão fazendo com que algumas famílias sejam beneficiadas, armazenando água o ano inteiro (CHACON, 2007).

Figura 03 – Paisagem do sertão com visão ao fundo de Ibicuitinga



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

A extensa área, que corresponde ao sertão no interior do Nordeste, não se apresenta uniforme, como se observa na figura 03. Possui os cultivos úmidos onde é

possível instalar-se agricultura de subsistência muito simples (as roças), exclusivamente destinadas à população local. Da mesma forma, aproveitando as terras úmidas deixadas pelos rios que secam quando da época da estiagem, faz-se a agricultura de vazante.

O oposto do que se espera da maior adversidade natural do Sertão, não é a diminuída precipitação pluviométrica (entre 250 e 6000 mm anuais), mas a repartição irregular das chuvas que se concentram em apenas uma estação do ano (de dezembro a maio), regionalmente chamado de inverno (IBGE, 2014). A passagem é condicionada à simples vida econômica, que se desestrutura por completo quando a tão desejada chuva não ocorre. A seca afronta com difíceis condições sociais, pois os pequenos donos de terras não têm ambiente para prevenirem-se. Somente os grandes proprietários arranjam financiamentos para estabelecerem barragens, poços e açudes. As irregularidades climáticas periódicas que assolam o espaço social dos sertões secos são os fatores que interferem mais gravemente no cotidiano do sertanejo e na sobrevivência da família.

A construção de açudes e alguns planos de irrigação implantados pelo governo transformam alguns pontos do sertão. Um modelo é a fruticultura desenvolvida ao longo do Rio São Francisco, que determina um extenso projeto de irrigação voltada para o comércio interno regional de alto poder aquisitivo e para o negócio externo (ANDRADE, 1998), esquecendo às vezes do sertanejo que não consegue plantar o feijão para subsistência.

Em grande parte da região sertaneja prevalecem as grandes propriedades, onde se exercita a pecuária extensiva de corte. O gado bovino é criado solto, em pastagens muito pobres, e em seguida vai para os frigoríficos. Os animais não são selecionados e recebem poucos cuidados, por isso, o lucro é baixo. Ultimamente, alguns fazendeiros têm procurado aprimorar a qualidade dos rebanhos, acasalando espécies que se adaptam melhor à seca e assentando postos de pesquisa para atrair mais o mercado consumidor (PONTE, 1993).

No sertão há muitos rebanhos de caprinos, já que cabras são animais adaptados a lugares secos. Em grandes fazendas a criação é associada ao extrativismo vegetal. Diferentes espécies vegetais são exploradas: a oiticica, o licuri e especialmente a carnaúba, que surge em áreas próximas aos vales fluviais, onde há maior umidade. A carnaúba é chamada de árvore da providência, porque dela tudo se aproveita: a madeira; os frutos, como alimentação para o gado; as sementes, que fornecem óleo de cozinha; as raízes, para remédios; as folhas, para cobertura das casas e produção de redes, cestos, cordas e esteiras. Mas o principal produto da carnaúba é a cera que reveste suas folhas e que tem bom emprego na produção de velas, graxas, cosméticos, tintas e vernizes. As técnicas de extração usadas são muito elementares, por isso, parte da cera se perde ou fica armazenada nas folhas.

A vegetação característica do sertão é a caatinga, que se adapta facilmente à rudeza das estiagens, alimentando-se das próprias reservas, transfigurando-se com as primeiras chuvas. Alguns vegetais retêm água nos caules, nas folhas e raízes. Aparentemente parecem árvores tortuosas, sofridas, mortas nas estações secas. Essa região é dominada pela semiaridez, com secas periódicas, e possui solos rasos e pedregosos.

A cultura do sertão nordestino está intimamente ligada ao clima e à história de sua colonização. Devido à pressão das grandes plantações de cana-de-açúcar que se desenvolviam nas regiões mais úmidas, a criação de gado avançou pelo sertão e até hoje é uma das principais atividades da região e, embora incipiente se comparada às regiões centro-oeste e sul, caracteriza o modo de ser do sertanejo nordestino.

A partir desse contexto é que entendemos as transformações do sertão nordestino, com as tradições culturais que sofrem o impacto da modernização, da industrialização e da globalização das informações, mas mantêm identidade em torno da agricultura e das lutas populares, em especial a do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras – MST.

No Ceará, o chamado Sertão Central do Ceará possui uma área geográfica de aproximadamente 16.158 km², sendo limítrofe ao norte com os municípios de

Canindé, Itapiúna, Aracoiaba e Ocara; ao leste com Morada Nova, Jaguaribama e Jaguaribe; ao sul com Quixelô, Acopiara e Arneiroz e ao oeste com Tauá, Independência, Boa Viagem e Madalena. Dista, em média, 155 km de Fortaleza e suas principais vias de acesso pela capital cearense são a BR-116, a BR-226 e a CE-060 (IBGE, 2014). A figura 4 mostra as mesorregiões do Ceará com destaque para o sertão.

Figura 04 – Mapa das mesorregiões do Ceará



Fonte: IBGE (2014)

O território sertanejo cearense é composto por treze municípios, divididos em quatro micro-territórios:

Tabela 02 – Descrição dos microterritórios do sertão cearense.

Micro-território	Descrição
I	Possui uma área total de aproximadamente 638,9km ² e é constituído pelos municípios de Choró, Ibaretama, Ibicuitinga e Quixadá;
II	Possui aproximadamente 420,4km ² de área e é constituído por Banabuiú e Quixeramobim;
III	Possui aproximadamente 1.174,6km ² de área com os municípios Deputado Irapuan Pinheiro, Milhã, Senador Pompeu e Solonópolis;
IV	Possui uma área de aproximadamente 889,8km ² e é constituído pelos municípios de Mombaça, Pedra Branca e Piquet Carneiro.

Fonte: IBGE (2014)

Os municípios do sertão central estão apresentados na figura 5:

Figura 05 – Mapa dos municípios do Sertão Central



Fonte: IBGE (2014)

No sertão cearense, o relevo é predominantemente plano e aberto, com serras pouco elevadas ou muito abruptas.

A formação econômica do sertão cearense é marcada por ciclos econômicos. A ocupação de todo o território da capitania do Ceará ocorreu por meio da concessão de sesmarias para a atividade pastoril. Essa distribuição seguiu os caminhos dos principais rios: Jaguaribe, Banabuiú, Salgado, dentre outros. A formação de adensamentos populacionais e vilas na capitania do Ceará esteve, portanto, ligada ao movimento das concessões de terras para a criação de fazendas de gado e dos centros comerciais que surgiam em função da movimentação da pecuária (PONTE, 1993)

A região do Sertão Central era habitada principalmente por índios Jenipapo, Kanyndé, Taúia e Quixaras, que foram expulsos da região, quando esta foi dividida em sesmarias doadas para não-indígenas, ou abrigados nas missões para catequese.

Como todo o sertão cearense, os municípios se formaram a partir das fazendas que eram instituídas nas sesmarias, onde eram construídas capelas e igrejas católicas. Encontra-se no sertão, também, um espaço de produção e exploração econômica. Na região acentuou-se o cultivo pastoreio, com a criação de gado. O homem do sertão é reconhecido como caboclo do interior ou vaqueiro, possui espírito aventureiro, vida nômade e visão de liberdade, devido ao tipo de trabalho que realiza. Chagas (2007, p 48) descreve:

Diante do desenvolvimento econômico no Nordeste, com a cana-de-açúcar no litoral e do pastoreio do sertão, Bastide ainda destaca duas civilizações distintas: a civilização do sertão, constituída pelo caboclo, ou vaqueiros livres, e a civilização da cana que se compõe predominantemente pela raça negra. Apesar desta diferenciação, ambas civilizações tornaram-se complementares e adequadas de acordo com as situações de interesses econômicos envolvidos.

A figura 6 apresenta a imagem do vaqueiro, que é uma das figuras centrais do sertão. Seu trabalho é árduo e contínuo, passando grande parte do tempo montado a cavalo percorrendo a fazenda, fiscalizando as pastagens, as cercas e as aguadas

(fonte, rio, lagoa ou qualquer manancial existente numa propriedade agrícola). O maior problema enfrentado pelo vaqueiro é a falta de água. Às vezes, o gado tem que ser levado por dezenas de quilômetros até os bebedouros. O tipo étnico provém do contato do branco colonizador com o índio, durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste brasileiro. Lidar com o gado na caatinga cheia de galhos e espinhos é muito difícil, por isso o vaqueiro tem que usar uma roupa própria, com condições de enfrentar o trabalho e que funcione como uma couraça ou armadura.

Figura 06 – Imagem de Vaqueiro do Sertão



Fonte: Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar (2014)

A civilização indígena, juntamente com o branco, especificamente os portugueses colonizadores, possibilitou a formação da população sertaneja, e a junção dessas raças originou uma população mestiça, nomeada de caboclos e que tinham a ocupação principal de cultivar a terra e cuidar do gado. A presença dos índios na constituição dos povos sertanejos marca os costumes encontrados por todo Nordeste, como a rede de dormir, utensílios domésticos utilizados para alimentação, pinturas faciais, uso da mandioca, o instrumento musical e suas crenças (CHAGAS 2007).

Ainda em relação ao desenvolvimento econômico, explica-se a existência do baixo fluxo monetário que cerca as atividades econômicas do semiárido. Destaca-se como exemplo dessas relações a prática de parceria. Arruda (2005, p.50) informa que:

[...] o sistema de parceria no semiárido se alicerça na cessão de terras feita pelo fazendeiro à família do agricultor, que aí constrói sua moradia, planta milho, feijão, mandioca e cria aves e animais de pequeno porte. Pelo uso da terra, o trabalhador remunera o fazendeiro com a terça, quarta ou meia parte da colheita.

Essa forma de trabalho, mesmo não sendo equiparada ao recebimento dos lucros, possibilitou uma maior independência do agricultor, que tem retorno a partir da sua produção, com relações trabalhistas decididas por ele, como horário de trabalho, forma do plantio e colheita.

O sertão torna a natureza diferenciada, repleta de contrastes e complexidades. Trata-se de uma área de grandes fortunas e de extrema pobreza. A figura 7 mostra aspectos do ambiente na estrada a caminho de Ibicuitinga.

Figura 07 – Vista do caminho para Ibicuitinga, dentro do Sertão Central.



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

A seca no Nordeste, em especial no Ceará, é um fenômeno que marca a história do sertão e coloca em situações extremas a vida de muitos que nele habitam, obrigando algumas famílias a migrarem para a capital ou para outras regiões brasileiras. Cada grande seca obriga a população a buscar em outros lugares meios de subsistência. Esse quadro vem mudando muito lentamente com as políticas atuais do governo federal no apoio à safra, água e luz dos lugares sertanejos. No entanto são ações paliativas, de uma realidade que deveria trabalhar com a prevenção para mudança de realidade. A figura 8 mostra o solo deteriorado pela seca.

Figura 08 – Registro do período de secas



Fonte: Diário do Nordeste (2014)

O território do Sertão Central é detentor de inúmeras riquezas, especialmente a coragem do sertanejo, mas também é marcado por profundas desigualdades econômicas e sociais que são geradoras de muitos desafios a serem enfrentados por políticas de Estado para que se reverta este quadro que se arrasta por longos anos.

A população do sertão é constituída por caboclos e negros. As famílias sertanejas são compostas por grande quantidade de pessoas, e se observarmos os dados do IBGE, algumas chegando a ter dez e até mais membros na família, sendo que muitos não têm acesso à escola e trabalham quase sempre na agricultura e pecuária.

Essas famílias vivem em casas simples, feitas de alvenaria ou de taipa, normalmente isoladas no meio da caatinga. A chegada de algumas tecnologias (como antena parabólica, televisores e internet) ajuda a integrar o sertão a metrópole. As condições de acesso à água e saneamento ainda são precárias. Os alimentos são mais restritos. Da caatinga, usam-se as plantas que servem para alimentar, mesmo com pouca variedade atualmente. As frutas constituem o destaque na caatinga: araticum, quixaba, umbu, pitomba, araçá, pitomba-de-cágado, pipa, fruta de mandacaru, juá, quipá, gangorra e jenipapo, entre outros.

Esse é o sertão com suas histórias e memórias. Entender essa região é conhecer parte do Brasil, seca e ao mesmo tempo cheia de vida. Faz-se necessário entender o homem do sertão.

A identidade do sertanejo foi construída a partir de um ambiente social que deixou marcas e acabou por revelar um sujeito capaz de significar subjetivamente um lugar e a sua história. Pressupõe-se um homem marcado pelo passado e disponível às outras perspectivas no tempo presente e futuro. Dessa maneira, os traços culturais tradicionais e contemporâneos apresentam-se impregnados no lugar e nos sertanejos.

No sertão, onde o ritmo de vida é mais lento, a percepção do tempo também o é. A cultura sertaneja absorve o estilo de vida próprio do sertão. Os colonizadores percorreram o Brasil fazendo o seu inventário das gentes e coisas do território. Progressivamente, a construção da identidade nacional, baseada da natureza, resulta daquelas imagens produzidas pelos viajantes. Criava-se assim a imagem de que os próprios brasileiros fizeram a natureza do país que, no caso do sertão, era uma ideia de letargia social de dias iguais a todos os dias, de solidão, que tinha no

sertão o cenário ideal. E, além disso, havia a crença de que a natureza tropical devia ser tratada como um espaço de intervenção social para a implantação de nova sociabilidade.

Outro fato importante para o sertão é sua vegetação. A caatinga descrita horroriza. As expressões utilizadas induzem à repulsa, ao medo, ao estranhamento e ao sufoco, distanciando o homem do seu contato. É o ambiente hostil e monótono a ser evitado. Essas condições do sertão nordestino reconstituem algumas condições explicativas da dura sobrevivência do sertanejo em tal ambiente.

No registro de distintos sertanejos há o reconhecimento dos diversos sertões tecidos por relações sociais que se realizam no plano do vivido e dos processos de percepção desses sertões. Rachel de Queiroz (1994, p. 60) enfatiza que ser chamado de sertanejo não desagrade, mas, ao contrário, é motivo de orgulho: “A gente gosta de ser diferente”. Logo a identidade pela naturalidade é reforçada pela autodenominação e pela alteridade.

Rachel de Queiroz é uma cearense que fala do seu lugar, do seu espaço vivido. A sua identidade regional, enquanto sertaneja, é uma forma particular de identidade social, vinculada à base territorial do Nordeste, de práticas culturais compartilhadas de pertencimento a uma rede de relações com o espaço de referenciais simbólicos. O sertão garante a constituição de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e pela cultura civilizatória que produz a identidade homem-lugar, que no plano do vivido se vincula ao conhecido-reconhecido.

Os modos e os valores sertanejos, bem como a forma de vida que permitiram uma construção simbólica da identidade sertaneja atualmente, reelaboram-se pela junção de símbolos do tradicional e do moderno (o cavalo e a moto, as vaquejadas e a competição). É o sertão contemporâneo.

A relação com a terra acontece regulada de maneira especial, respeitando a simultaneidade de diferentes modalidades de uso da terra, com uso comum, uso coletivo, uso individual (familiar) e ainda a prática de ajuda mútua ou mutirões.

Das práticas cotidianas reveladas em ações de trabalho como o ato de plantar de capinar, de colher, por rituais sagrados e profanos, são registradas, no sertão, matérias e situações diversas que ilustram a literatura de cordel, dão origem a composições musicais, peças de teatro, enfim, povoam de histórias a cultura sertaneja. A maioria das situações relatadas diz respeito à originalidade dessa natureza “mal interpretada” mas, sobretudo, diz respeito ao sertanejo e ao seu universo social na busca de entendimento da terra em que habita, especialmente nos períodos de estiagens.

Sabe-se que o sertanejo, em sua espera pelas chuvas, “observa” a posição das constelações, o movimento dos astros, o círculo da lua, a forma das nuvens, e não deixa de reparar nas condições do acaso, nem nas circunstâncias personalíssimas em que nasce o sol em determinados dias. O canto dos pássaros, a atividade dos insetos, a conduta dos animais, o comportamento das árvores e outros tantos elementos são a que se socorrem os sertanejos para tirar conclusões sobre se, no próximo ano, haverá seca ou inverno. É o espaço do místico.

Ressalta-se que tamanha foi a crueldade usada pelos conquistadores do sertão e pelos fazendeiros que os sucederam, que a consequência natural foi o surgimento de uma população violenta, revoltada, embora aparentemente apática, submissa, sem esperança. A figura do jagunço revive essa revolta.

Músicas como Asa Branca, Açú Preto, Carcará e Maringá¹ são formas de apresentar as dificuldades da vida do homem do sertão, das secas, são quase hinos oficiais. O sertanejo que migrou para outros lugares do país, ao ouvir essas músicas, reconhece-se e volta a lembrar a difícil vida do sertão. Essas canções são lembranças de dor, mas também de saudades da sua terra, de onde ele veio. Isso faz parte dele. Em 2013, o filme “Gonzagão” mostrou uma cena que retrata bastante esse vínculo do sertanejo. Luiz Gonzaga, que tocava sanfona e foi conhecido no Brasil e no mundo como o Rei do Baião e mestre do acordeão, quando moço, foi tocar tangos e baladas nos bares e ruas de São Paulo no início da sua carreira. Ao cantar para um grupo de rapazes em um restaurante foi ridicularizado por não tocar

¹ Em anexo a letra das músicas.

“coisas da sua terra”. Quando Gonzaga decide tocar algo regional, é aplaudido e assim inicia sua grande carreira musical.

A paisagem do sertão é, em algumas quadras do ano, de uma aridez tão intensa que, segundo Euclides da Cunha, “se impropriou à vida”. Mas, sob a dinâmica dessa paisagem aparentemente imprópria à vida, a natureza rapidamente se refaz. “É um fenômeno que a todos espanta o viço com que os vegetais brotam do solo cearense logo após as primeiras águas; é um encanto; tudo se transforma como sob a ação de um feiticeiro” (SOARES, 2012). Esse fato narrado é um dos encantos dessa vegetação. Qualquer chuva que cai na região já modifica a paisagem, que antes era seca e sem cor. Tudo fica verde rapidamente, como se observa na figura 10.

Figura 09 – Vegetação do Sertão, em período de seca e após chuvas.



Fonte: Site Caatinga (2014)

Os planos governamentais de prevenção às consequências das secas têm sido relativamente impotentes e pouco eficazes para atender à sociedade sertaneja como um todo e, sobretudo, para fixar os sertanejos em condições autossustentáveis de trabalho e elevar seu padrão de vida e *status* social (AB’SABER, 1999).

A seca é sempre esperada pelos sertanejos, faz parte de seu difícil cotidiano, e conhecem assim os sinais que a prenunciam. Deixar pedrinhas se sal ao relento é uma forma utilizada por eles para saber se haverá inverno. Outra forma tem relação com o santo padroeiro do Ceará, São José. Chover no dia do santo, 19 de março, é sinal de bom inverno. Isso comprova que os costumes e crenças dos sertanejos são frutos de observações aguçadas da natureza.

Essa religiosidade do sertanejo é falada por Chancon (2007), que mostra como é forte a religião no sertão, independente da crença, a fé em Deus é ainda um referencial para todos. As casas, por mais simples que sejam, têm sempre nas paredes muitos quadros de santos, misturados com velhas fotografias de família. As festas das padroeiras são os eventos mais esperados do ano, comemorados com muita alegria e atividades, como quermesses, bingos, serestas e grandes bandas.

O ambiente do sertão é um lugar decifrável, que passa a ser significativo pela sabedoria popular. Então, o dia de chuva representa um evento extraordinário de acalento, ansiosamente aguardado pelo sertanejo. O canto dos pássaros, sua maneira de fazer os ninhos, os saltos das cabras, a invasão de bandos de lagartos ou de formigas vermelhas, os locais que as aranhas escolhem para tecer suas teias, o mês em que o ipê floresce, tudo é pretexto para adivinhar o que trarão os meses vindouros, tudo é promessa de esperança ou anúncio de tragédia.

No sertão há homens considerados profetas da chuva, pois com observações e experiência arriscam afirmar se haverá chuva ou seca no sertão. Faz 18 anos que esse grupo existe no Ceará e organiza o Encontro Estadual dos Profetas das Chuvas, que ocorre no Sertão Central do Ceará com a participação de profetas populares. Estes sujeitos são reconhecidos e respeitados como verdadeiros mestres da natureza, já que suas experiências indicam previsibilidade das chuvas e conseguem amenizar, de certa maneira, as angústias do sertanejo. Os profetas do sertão fazem um estudo do tempo através da leitura de sinais transmitidos pela natureza, observando a direção do vento e o acasalamento dos bichos, dentre outros fatores (O POVO, 2014).

Esses são alguns dos significados que possuem os sertanejos, cheios de crenças, religiosidade, amor à natureza e à terra onde a cidade de Ibicuitinga está localizada.

2.1. A CIDADE SERTANEJA DE IBICUITINGA

Nesse cenário sertanejo está a cidade de Ibicuitinga, no estado do Ceará, na Região Nordeste do Brasil. Precisamente na região do Baixo Jaguaribe, atingindo a zona do Sertão Central cearense, distante de Fortaleza cerca de 155km. Segundo dados do Censo 2010, o mais atualizado, o município conta com uma população de 11.335 habitantes, constituído atualmente de 50,7% de população urbana e 49,3% rural. O clima do território é tropical quente semiárido, com chuvas concentradas de fevereiro a abril. A pluviometria média é de 974mm. A temperatura média anual situa-se acima de 26°C (IBGE, 2014).

Em 1866, devido à doação de um terreno pelo Sr. Samuel Ferreira Nobre, foi erguida uma capela em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios, que deu origem às primeiras casas do povoado. Segundo populares, no início do século XX, somavam-se apenas doze casas feitas de tijolos e cinco de barro, mas sem nenhuma estrutura urbana.

A Igreja tem um papel fundamental na ocupação dos espaços no Brasil. Enaltecer o poder religioso era um meio para não perder o poder político. O objetivo da Igreja era promover o controle dos nativos, a obediência e a educação através da catequese. Foi primordial na colonização e embasou a formação da identidade cultural, social e política.

Segundo depoimentos de uma das mais antigas habitantes de Ibicuitinga², a capela recebeu este nome em virtude da ação de uma senhora que morava na vila que ajudava a curar as pessoas com chá de ervas e pedia a intercessão de Nossa Senhora dos Remédios na cura das pessoas, uma vez que não havia acesso a hospitais e/ou a médicos devido à distância e à falta de estradas.

Conforme o historiador Raimundo Girão (1998), a partir de 15 de junho de 1893, Areia Branca passou a pertencer ao município de Morada Nova na condição de distrito de Boa Água. No entanto, somente em 20 de dezembro de 1938 esse fato foi oficializado pelo Governo do Estado do Ceará. Cinco anos depois, em 1943, o então

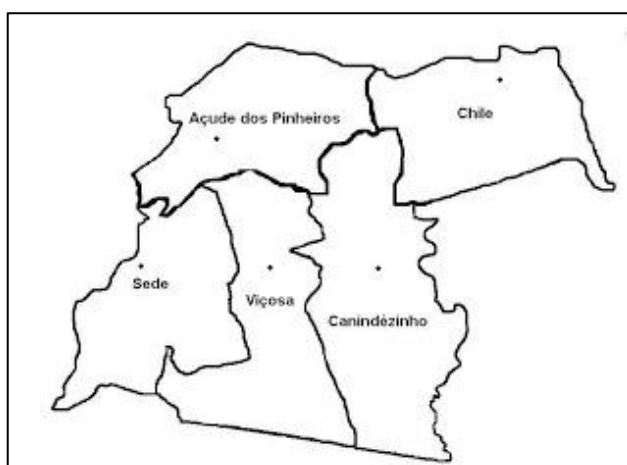
² Antonia, 83 anos, nome fictício. ADRIANO, C. N. (2014).

distrito passou a chamar-se Ibicuitinga, por se tratar de uma duplicidade de topônimos: IBICUI ou CUI – areia; TINGA – branca alva.

Assim, o distrito foi criado com a denominação de Areia Branca pelo decreto estadual nº 448, de 20/12/1938, com terras desmembradas dos distritos de morada nova e Água Boa, subordinado ao município de Morada Nova (GIRÃO, 1998). O povoamento de Areia Branca deu-se por volta do século XIX com a chegada de pessoas pertencentes às famílias Ferreira Nobre, Horácio, Damasceno, Samuel e Cândido (RABELO, 2008).

Em 1960, Ibicuitinga foi elevada à categoria de município já com esse nome, em divisão territorial, desmembrando-se de Morada Nova. Dois anos depois, retorna a ser distrito de Morada Nova, pois o mesmo foi criado e não instalado. Paulatinamente, Ibicuitinga foi se desenvolvendo e se destacando economicamente, levando o distrito a se emancipar com sua independência político-administrativa em 11 de maio de 1988, na gestão do governo Tasso Jereissati (RABELO, 2008). Em 1991, foram homologados os distritos de Açude dos Pinheiros, Canindézinho, Chile e Viçosa, e anexados ao município de Ibicuitinga. A figura 12 mostra sua disposição territorial.

Figura 10 – Mapa da Cidade de Ibicuitinga.



Fonte: IBGE (2014)

Na administração do prefeito Joaquim Terceiro Chagas, em 1977, de Morada Nova, Ibicuitinga ganhou sua primeira e única unidade de saúde para suprir as carências

na área da saúde. Contudo, na gestão do primeiro prefeito de Ibicuitinga, José Edmilson Gomes, em 1988 o posto de saúde passou por uma reforma em sua infraestrutura e passou a contar com o apoio de programas do Governo Federal como o PSF (Programa Saúde da Família). O Sistema Municipal de Saúde de Ibicuitinga fundamenta-se nos princípios norteadores do Sistema Único de Saúde – SUS, buscando eficiência nos atendimentos, e possui um Hospital de Saúde da Família, com apenas nove leitos de observação. Além disso, o município dispõe de uma unidade privada, denominada Clínica Maia, atendendo serviços de ultrassonografia, ginecologia e consulta médica (RABELO, 2008). Possui 2.321 beneficiários do programa bolsa família, do Governo Federal, e taxa de mortalidade infantil de 0%. A figura 13 mostra a vista aérea da cidade.

Figura 11 – Vista aérea da Cidade de Ibicuitinga.



Fonte: IBGE (2014)

A energia elétrica de Ibicuitinga é fornecida pela Companhia de Eletricidade do Estado do Ceará (COELCE) e o abastecimento d'água na sede do município é feito através da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE), que fornece água tratada, com 219 ligações no centro da cidade. Na zona rural o abastecimento

d'água é realizado com utilização de açudes, poços profundos com dessalinizadores, cacimbões e cisternas, sendo dificultado nos períodos de estiagem. Já em outros distritos foi feita a implantação de Adutora com captação d'água do rio Banabuiú (RABELO, 2008).

No município predominam os minifúndios e as pequenas propriedades com predomínio da agricultura familiar. A agricultura é a atividade principal na região, destacando-se o cultivo de feijão, milho, algodão, mandioca e cajueiro. Em relação à pesca, destaca-se a importância da extrativista (subsistência), onde alguns pescadores autônomos fazem da pescaria uma complementação de sua renda familiar. Entrevistas com os moradores da região revelaram que o cultivo do feijão é muito importante para a região, pois a terra é bem mais produtiva para o mesmo do que em outros municípios do Sertão Central. No entanto, poucas políticas para incentivo e melhoria dessa produção são feitas.

A indústria do município ainda é pouco desenvolvida, contando apenas com quatro estabelecimentos assim discriminados: um de produtos alimentares, um de metalúrgica e dois mobiliários. O município não possui agências bancárias independentes, apenas o Banco Postal dos Correios e o posto da Caixa Econômica alocado à casa lotérica. Por conta disso, a população, às vezes, precisa se deslocar até as cidades vizinhas.

O município conserva suas tradições religiosas com a realização das seguintes festas: São José (19/03), Santo Antônio (13/06), Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (14/08), Nossa Senhora dos Remédios (08/09) e São Francisco (03/10). Acontecem, também, as festividades alusivas à semana do município, em maio. As festas religiosas possibilitam o acesso ao sagrado. Ontem, procissões, danças e corporações de ofício, jogos, espetáculos de destreza, espetáculos lúdicos e musicais. Hoje, procissões, sorteios de prendas e automóveis, competições esportivas, o parque de diversões e os shows dos artistas na praça. Outros tempos, outras modalidades de expressão de uma mesma mescla de homenagem ao sagrado e de divertimento profano, que caracterizaram e ainda continuam a caracterizar as festas populares. Daí a capacidade de integração demonstrada pela

festa, que incorpora a todos no louvor a Deus e aos santos ou na homenagem aos que gozam do prestígio e poder neste mundo. As festas representam rupturas nas rotinas, sobretudo no suceder das horas de trabalho. Significa ruptura total com a vida cotidiana, uma experiência intensa e coletiva, onde o povo agradece, pede e ora, se divertindo.

No aspecto de comunicação, Ibicuitinga conta hoje com uma emissora de rádio comunitária que transmite diariamente informações locais e globais, de utilidade pública e prestação de serviços ao cidadão. Além disso, a emissora transmite as sessões da câmara municipal às sextas-feiras. Na internet, a cidade possui provedor que transmite rede para aproximadamente metade das residências da zona urbana (IBGE, 2014). Quanto à comunicação, é importante destacar essa acessibilidade aos meios virtuais. A internet é uma aproximação crucial para o aprimoramento da democracia, da transparência e da participação popular. As novas tecnologias têm um papel importante na democratização do conhecimento e facilitação da comunicação. A Internet amplia o que se quer, vai além das salas de aula, dos escritórios e das salas de estar.

Referenciais devidamente expostos no estudo, agora este se deterá na análise de alguns dados e informações do município, para posteriores proposições. Vale ressaltar que os dados e informações apresentados abaixo foram escolhidos de acordo com a temática do estudo, sendo analisados alguns dados pertinentes ao tema.

Tabela 03- População Residente

População Residente – 1991/2000/2010

Discriminação	População Residente					
	1991		2000		2010	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Total	8.598	100,00	9.435	100,00	11.335	100,00
Urbana	2.424	28,19	4.387	46,50	5.742	50,66
Rural	6.174	71,81	5.048	53,50	5.593	49,34
Homens	4.453	51,79	4.903	51,97	5.865	51,74
Mulheres	4.145	48,21	4.532	48,03	5.470	48,26

Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1991/2000/2010.

Estimativa da População – 2007/2009

Discriminação	Estimativa da População			
	2007 (1)		2009	
	Nº	%	Nº	%
Total	11.000	100,00	11.800	100,00
Urbana	5.602	50,93
Rural	5.398	49,07
Homens	5.718	51,98
Mulheres	5.273	47,94

Fonte: IPECE (2011)

De acordo com os dados registrados no quadro acima, Ibicuitinga possui uma população de 11.335 pessoas, segundo dados de 2010. Um aumento populacional nos últimos dezenove anos de 2.737 pessoas. Tal crescimento é natural se comparado com outros municípios. No entanto, um dos dados importantes nessa tabela é o êxodo rural. Em 1991, somente 28% da população viviam na área urbana. Em 2012 esse percentual foi de 50,66%, ultrapassando a população rural.

Tabela 04 – Indicadores Demográficos

Indicadores Demográficos – 1991/2000/2010

Discriminação	Indicadores Demográficos		
	1991	2000	2010
Densidade demográfica (hab./km ²)	22,85	24,90	26,72
Taxa geométrica de crescimento anual (%) ⁽¹⁾			
Total	-0,75	1,04	1,85
Urbana	6,53	6,81	2,73
Rural	-2,47	-2,21	1,03
Taxa de urbanização (%)	28,19	46,50	50,66
Razão de sexo	107,43	108,19	107,22
Participação nos grandes grupos populacionais (%)	100,00	100,00	100,00
0 a 14 anos	42,61	34,39	25,33
15 a 64 anos	52,04	59,24	66,18
65 anos e mais	5,35	6,37	8,49
Razão de dependência ⁽²⁾	92,18	68,81	51,09

Fonte: IPECE (2011)

Já na tabela 04, pode-se observar a mudança na idade da população do município. Em 1991, 42,61% eram crianças e 52,04% jovens e adultos. Em 2010, esse número mudou bastante. Somente 25,33% são crianças e 66,18% são jovens e adultos. A taxa de natalidade diminuiu e a população economicamente ativa aumentou.

Tabela 05 – Indicadores Educacionais

Indicadores Educacionais no Ensino Fundamental e Médio – 2010

Discriminação	Indicadores Educacionais			
	Ensino Fundamental		Ensino Médio	
	Município	Estado	Município	Estado
Taxas (%)				
Escolarização líquida	100,0	91,4	52,6	47,8
Aprovação	81,8	88,4	86,5	82,2
Reprovação	11,0	8,7	5,0	7,2
Abandono	7,2	2,9	8,5	10,6
Alunos por sala de aula	34,7	28,2	89,7	34,1

Fonte: IPECE (2011)

Quanto à educação, de acordo com esses dados, o índice de abandono escolar em Ibicuitinga é bem maior que a média do estado entre as crianças do ensino fundamental (Município: 7,2% e estado: 2,9%) e menor no ensino médio (Município: 8,5% e estado: 10,6%). As crianças menores abandonam mais facilmente a escola.

Tabela 06– Indicadores de Analfabetismo

Taxa de Analfabetismo Funcional para Pessoas com 15 anos ou mais – 2000/2010

Discriminação	Município		Estado	
	2000	2010	2000	2010
População residente 15 anos ou mais	6.190	8.464	4.938.392	6.264.131
População alfabetizada 15 anos ou mais	3.926	5.981	3.627.614	5.087.493
Taxa de analfabetismo funcional (15 anos ou mais)	36,58	29,34	26,54	18,78

Fonte: IPECE (2011)

Esta outra tabela sobre a educação do município mostra o alto índice de analfabetos: 36,58% em 2000 e 29,34% em 2010. Número este sempre maior que a média do estado, que já não é boa.

Tabela 07 – População em Extrema Pobreza

População Extremamente Pobre: (Com rendimento domiciliar *per capita* mensal de até R\$ 70,00) - 2010

Discriminação	População Extremamente Pobre			
	Município	%	Estado	%
Total	3.990	35,20	1.502.924	17,78
Urbana	1.330	23,16	726.270	11,44
Rural	2.660	47,56	776.654	36,88

Fonte: IPECE (2011)

Quanto à renda e ao nível de pobreza do município, este outro dado é bastante alarmante: 35,20% da população vivem em extrema pobreza, com uma renda domiciliar *per capita* mensal de até R\$ 70,00. Para agravar isso, percebe-se que 2/3 dessas famílias residem no meio rural. A agricultura e a pecuária não conseguem render bons resultados para essa população.

Tabela 08 – Renda Familiar

Renda Domiciliar *per capita* (Salário mínimo R\$ 510,00) - 2010

Discriminação	Município		Estado		Município/Estado (%)
	Nº	%	Nº	%	
Total	3.213	100,00	2.365.276	100,00	0,14
Até 1/4	1.279	39,81	515.628	21,80	0,25
Mais de 1/4 a 1/2	788	24,53	648.315	27,41	0,00
Mais de 1/2 a 1	746	23,22	659.736	27,89	0,11
Mais de 1 a 2	115	3,58	253.603	10,72	0,05
Mais de 2 a 3	22	0,68	69.758	2,95	0,03
Mais de 3	15	0,47	112.321	4,75	0,01
Sem rendimento	248	7,72	105.371	4,45	0,24

Fonte: IPECE (2011)

Ainda sobre a renda, esta tabela continua a mostrar informações complicadas, que complementam a informação anterior analisada. Quase 40% da população do município vivem com até 1/4 do salário mínimo por renda domiciliar *per capita*. Já 47,75% (quase metade da população) vivem de 1/4 até um salário mínimo. Somente 4,73% possuem renda acima de um salário mínimo. Há ainda 7,72% que não possuem nenhum tipo de rendimento.

Tabela 09 – Empregos Formais

Número de Empregos Formais - 2010

Discriminação	Número de Empregos Formais					
	Município			Estado		
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino
Total das Atividades	1.083	427	656	1.325.792	738.298	587.494
Extrativa Mineral	-	-	-	2.654	2.415	239
Indústria de Transformação	3	2	1	251.357	153.163	98.194
Serviços Industriais de Utilidade Pública	-	-	-	7.187	6.144	1.043
Construção Civil	-	-	-	75.973	71.815	4.158
Comércio	24	13	11	209.548	127.328	82.220
Serviços	14	9	5	369.096	212.027	157.069
Administração Pública	1.041	402	639	387.697	145.563	242.134
Agropecuária	1	1	-	22.280	19.843	2.437

Fonte: IPECE (2011)

No mesmo âmbito da renda, a tabela mostra os empregos formais no município. O que só comprova a situação precária em que vivem os trabalhadores. Há 1.083 empregos formalizados, dos quais somente 49 não são provenientes da prefeitura (administração pública). As atividades econômicas da cidade não geram condições legais para os trabalhadores.

Quanto informações das entrevistas, observa-se uma relação com a infância bastante interessante, pois desde criança ajudavam nos trabalhos domésticos, as mulheres, e no campo, os homens. Dentre as brincadeiras mais citadas está o futebol e até hoje permanece na vida também dos mais velhos, com jogos aos domingos e torneios regionais. Mesmo na zona rural o futebol sempre esteve presente na vida das crianças, jovens e adultos. O gramado era substituído pela terra batida encontrada em abundância no sertão.

Mesmo sendo uma cidade pequena e possuindo poucas escolas, registra-se uma grande preocupação com a educação. Dentre os pontos mais citados pelos entrevistados em relação ao que gostam na cidade estão as pessoas, a tranquilidade e as amizades. Sobre o que os preocupam está, na maioria das respostas, a disseminação das drogas, um dado alarmante. Muitos apontam a ausência de alternativas de geração de renda e ausência de empregos, sugerindo o desenvolvimento e implantação de indústrias como solução desse problema. Dois dos entrevistados informaram que a cidade não possuía patrimônio cultural. A festa da padroeira em setembro foi a manifestação lúdica mais lembrada pelos moradores. Quanto à gastronomia, as comidas mais citadas que representam o sertão são: tapioca, cuscuz, galinha caipira, rapadura com feijão, baião de dois com

ovo e caldo de feijão com farinha, além da famosa bolacha folheada da Padaria Nobre.

Analisar Ibicuitinga é entender um pouco da vida sertaneja; o tempo do sertão é outro. A dinâmica da vida muda, até mesmo na zona urbana, onde em cidades de médio porte já são perceptíveis os costumes da modernização.

O funcionamento comercial não obedece ao horário tradicional estabelecido nos grandes centros, fechando das doze às quinze horas. À noite, os que abrem, só funcionam até as 22 horas. Os muros das casas são baixos ou inexistentes. As portas e janelas são geralmente de madeira ou de ferro e o cadeado ainda é o principal instrumento de segurança. Os animais domésticos e silvestres vivem livres e é comum ver galinhas, patos, cachorros e carneiros andando nas ruas, junto às carroças, motos e carros.

As pessoas vivem em uma cidade de ambiente pacato com tranquilidade e pouco movimento. Como a maioria dos moradores se conhece, as relações são amistosas e solidárias, como uma grande família. As festas, missas, datas comemorativas são motivos para reunirem-se e confraternizarem-se sempre com muita conversa, comida e bebida, símbolos da fartura sertaneja, e a presença de pessoas das famílias de quase toda a cidade.

2.2. O PATRIMÔNIO CULTURAL SERTANEJO DE IBICUITINGA

A cidade sertaneja de Ibicuitinga possui inúmeros patrimônios culturais. Nesse estudo serão mostrados os patrimônios imateriais que se relacionam intrinsecamente à sua relação com o Sertão, possibilitando tanto o trabalho local como o regional. Além disso, a visão do subjetivo possibilita uma vivência mais complexa, com “macro-atrativos”. O patrimônio material está dentro do imaterial registrado nessa pesquisa.

O patrimônio cultural rural é o conjunto de registros de materiais e imateriais decorrentes das práticas, dos costumes e das iniciativas produtivas que se

estabelecem, historicamente e territorialmente, na área rural. As populações usam de suas manifestações culturais como forma de reafirmar e preservar os seus valores, o seu saber, o seu modo de vida e suas tradições, de reconhecer-se e integrar-se. O povo sertanejo possui laços de solidariedade que regem as relações de parentesco, vizinhança e compadrio dentro da comunidade. O Sertão, devido ao seu processo de formação e povoação, formou uma cultura particular de várias faces. Os povos do Sertão produzem e reproduzem as representações do seu modo de vida a partir das mais diversas manifestações culturais. É por esse meio que eles se afirmam como pertencentes ao lugar em que vivem, que afirmam a sua identidade e a sua cultura.

Esses costumes constituem o modo de vida particular, um padrão de comportamento que configura valores morais, étnicos e religiosos de comunidades tradicionais. Transferem o seu saber à comunidade por meio de uma oralidade que caminha de geração a geração. A memória tem um importante papel na permanência e na reprodução dessa cultura, trazendo do passado o que deu certo, o que identifica o grupo, o que os fazem reconhecer-se como são. E são as memórias do grupo, dos velhos que veem como lembranças, que se materializam nas festas, nas tradições, no trabalho, no modo de vida. Essa é uma constante luta dessas comunidades para não perderem a sua identidade, a sua significação e suas raízes. E é disso que se constituem os patrimônios culturais.

Para determinar esses patrimônios, foi necessário analisar as informações fichadas na revisão da bibliografia e da base documental; as entrevistas e levantamentos de dados obtidos *in loco*. Esse estudo deter-se-á principalmente em dois bens culturais de Ibicuitinga: o cultivo do feijão e os costumes do cotidiano sertanejo.

2.2.1. A CULTURA DO FEIJÃO

O cultivo do feijão é hoje um patrimônio cultural de Ibicuitinga a ser explorado, além de ter uma importância muito grande para o sertão. Historicamente, esse alimento vem contribuindo para o desenvolvimento econômico e social da região, onde é

vendido e consumido demasiadamente. As casas sertanejas de Ibicuitinga sempre possuem feijão a “debulhar”, a plantar, a colher, a vender.

O município de Ibicuitinga, segundo os residentes, possui uma das melhores terras daquela região para o cultivo dessa leguminosa. Essa característica impressionou a pesquisadora, que identificou assim, um forte atrativo a ser desenvolvido. Os moradores identificam a presença do cultivo do feijão desde o início da ocupação da cidade. O feijão para Ibicuitinga é um patrimônio cultural porque faz parte da memória e do modo de vida dessa população. Seu cultivo faz pensar no passado, conta da história da cidade e do futuro de outros. Como deixar um elemento tão rico econômica e socialmente se perder no processo de globalização e intensificação de outras atividades, se as condições físicas são adequadas na região?

Os saberes e fazeres populares são formas vivas e dinâmicas que se preservam e tornam-se instrumentos de memória e identidade. O cultivo do feijão é isso. Na pesquisa também foi identificado que cada vez menos se planta feijão na região, devido às condições climáticas, à falta de incentivo e ao processo natural de êxodo rural. E não surgem outras alternativas para resolver os problemas que rondam esse cultivo, enfraquecendo esse bem cada vez mais.

A produção do feijão tem grande importância no sertão cearense em virtude de constituir-se um dos alimentos básicos da população brasileira e ser um dos principais produtos na dieta alimentar dos estratos sociais economicamente menos favorecidos. O feijão é um dos elementos que completa o tripé alimentar. Eram cozidos apenas com água, que depois era escorrida em peneiras ou somente com as mãos, e comidos, geralmente, aos punhados, indicando que sua consistência permeava entre seca e úmida. A adoção posterior do feijão com caldo como comida diária demonstra as práticas lusitanas.

O prato que mais caracteriza o hábito alimentar do brasileiro é o feijão com arroz. Para o sertanejo, o feijão tem significado maior, pois está relacionado com seu trabalho também, já que o produz tanto para sua subsistência como para geração de renda. O feijão à mesa significa a demonstração do ‘sucesso’ que aquele agricultor possibilitou o sustento alimentar e econômico para sua família. O papel social que

possuem os patriarcas e as matriarcas está ligado principalmente a possibilitar a sobrevivência dos filhos. Como é a principal fonte de alimentação sertaneja, as famílias buscam tê-lo nas refeições diárias. Quando falta a maioria dos alimentos, nos períodos de estiagem e seca, a sustentação das pessoas vem do feijão. Sua produção demonstra fartura e sua ausência demonstra miséria. O feijão tem que estar presente na vida do sertanejo, pois simboliza que há harmonia entre o homem e a terra. Não há símbolo maior dessa relação que o feijão.

Em Ibicuitinga essa realidade é latente. Os moradores, sejam da zona rural ou urbana, cultivam em seus terrenos e quintais plantações de feijão. Como não há restrição quanto ao tamanho da terra para sua plantação, as possibilidades de cultivo são inúmeras e fáceis, juntas ao solo favorável ao plantio. Nas entrevistas desenvolvidas no estudo os moradores registram essa produção e o histórico de sua alimentação voltada a esse grão.

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de feijoeiros do gênero *Phaseoluse*, o primeiro na espécie *Phaseolus vulgaris*, sendo o consumo atual de feijão cerca de 16 kg/hab/ano, existindo preferências por tipo de grão, cor e qualidade culinária em algumas regiões do país (EMBRAPA, 2006).

Algumas características como a cor, o tamanho e o brilho do grão podem determinar o seu consumo, enquanto a cor do halo pode também influenciar na comercialização. Os grãos menores e opacos são mais aceitos que os maiores e que apresentam brilho, segundo a Embrapa (2006). A preferência do consumidor norteia a seleção e obtenção de novas formas de cultivar, exigindo destas não apenas boas características agrônômicas, mas também valor comercial no varejo.

A atividade é comumente associada ao pequeno produtor e à agricultura familiar, ao emprego de baixos níveis tecnológicos e a grandes oscilações na produção e na produtividade.

O feijão-caupi, também chamado de feijão-de-corda, feijão-vigna ou feijão-de macáçar, é uma cultura muito importante para o Sertão, porque produz bem no clima seco. O feijão-caupi é uma planta herbácea, autógama, anual, cuja região de origem

mais provável situa-se na parte oeste e central da África. É uma das leguminosas melhor adaptadas, versátil e nutritiva entre as espécies cultivadas, sendo um importante alimento e componente essencial dos sistemas de produção nas regiões secas dos trópicos, cobrindo parte da África, Ásia, Estados Unidos, Oriente Médio e Américas Central e do Sul (EMBRAPA, 2006).

A alta capacidade de adaptação climática e de solos desta leguminosa permite seu cultivo, durante todo o ano, em quase todos os estados do país, possibilitando constante oferta do produto no mercado. Outra característica do feijão é possibilitar a sua produção em diversos ecossistemas tropicais e temperados, em monocultivo e/ou consorciado nos mais variados arranjos de plantas inter e intraespecíficos, o que favorece a diversificação na produção, mas limita uma maior integração na sua cadeia produtiva. De acordo com o IBGE, o Ceará produziu 570.027 toneladas de feijão em grãos em 2000, o que corresponde a aproximadamente 18,6% da produção brasileira.

Pode-se plantar o feijão-caupi sozinho (sistema solteiro) ou associado (em consórcio) com milho, com mandioca, com sorgo ou com outras plantas. Nas entrevistas colhidas, o cultivo do feijão sobressaiu-se em todas, mesmo sendo administrado com outras atividades.

O feijão diz muito do que é ser sertanejo, tornando-se parte da cultura local. Depois de analisá-lo como patrimônio cultural, pode-se perceber outro bem igualmente importante: o cotidiano do ibicuitinguense, que reflete sua característica de cidade sertaneja. Ibicuitinga é uma cidade tipicamente interiorana sertaneja, onde o rural e o urbano se relacionam diretamente, sem distinção de um ou outro.

2.2.2. A VIDA SERTANEJA EM IBICUITINGA

Os costumes e história de seu povo são expressões de um sertão bem peculiar do nordeste brasileiro. Assim, outro patrimônio cultural que possui o município são “os costumes do cotidiano sertanejo”.

As cidades sertanejas possuem costumes e histórias bem peculiares , muitas vezes, similares. Ibicuitinga não é diferente. Percebe-se aspectos específicos presentes em muitas cidades sertanejas. São eles

- Foi municipalizada de forma tardia, sendo por muito tempo distrito de municípios maiores.
- Possui uma população presente significativamente da zona rural.
- Tem na agricultura e na pecuária sua sustentação econômica.
- Possui dificuldades com abastecimento de água, saneamento básico, saúde, educação e moradia.
- Ainda perduram as regras do coronelismo rural.
- É uma cidade pacata, com movimento pequeno noturno e horário para uso de som em espaços públicos.
- Os costumes alimentícios são basicamente sertanejos, com destaque para consumo de feijão, carnes de gado, porco, carneiro, galinha e bode.
- A arquitetura tem traços coloniais, com casas simples, seguindo os modelos das casas de fazendas.

Tanto a memória quanto a história de um povo estão diretamente ligadas às formações identitárias de seus indivíduos. Relembrar, discutir e entender as memórias e as histórias de determinada comunidade é de fundamental importância para compreender as identidades formadas neste lugar. Pensando nisso, a autora delineou algumas cenas do cotidiano dos moradores de Ibicuitinga em forma de poesia, representando assim alguns traços de sua identidade sertaneja.

- Início da jornada: amanheceu, “galo cantou”, umas cinco horas da manhã. É hora de acordar, o dia é longo. O sertanejo levanta da sua cama (às vezes da rede) para a “lida” diária. Bebe seu café com pão, cuscuz ou tapioca, coloca sua roupa (os homens não esquecem seu chapéu) e saem. Hoje, para alguns, o chapéu de aba foi substituído pelo boné. Vão “trabaiá”, uns na roça, outros na cozinha (preparando o almoço), outros nos bordados (e costuras), outros no plantio. Não importa se é mulher ou homem, a manhã é o turno mais produtivo e todo mundo está trabalhando.

Como descrito nos trechos da música “Acordo às Quatro”, de Luiz Gonzaga (1979), essa lida do sertanejo é um bem patrimonial, que perpetua-se por muitos anos, mostrando um pouco do que ele é e como ele vive, suas raízes.

“Acordo às quatro
Tomo meu café
Dou um beijo na muié
E nas crianças também
Vou pro trabáio
Com céu ainda escuro
Respirando esse ar puro
Que só minha terra tem

Levo comigo
Minha foice e a enxada
Vou seguindo pela estrada
Vou pro campo trabaiá
Vou ouvindo
O cantar dos passarinhos
Vou andando, vou sozinho
Tenho Deus pra me ajudar

Tenho as miúças
Carneiro, porco e galinha
Tenho inté uma vaquinha
Que a muié véve a cuidar
E os menino
Digo sempre a Iracema
Em Santana de Ipanema
Todos os três vai estudar

Pois eu não quero
Fío meu analfabeto
Quero no caminho certo
Da cartilha do abc

Eu mesmo
Nunca tive essa sorte
Mas eu luto inté a morte
Móde eles aprender”

Para melhor visualização, seguem algumas figuras que apresentam essa paisagem sertaneja na cidade de Ibicuitinga. A figura 12 apresenta a entrada de uma casa na cidade de Ibicuitinga.

Figura 12 – Casa em Ibicuitinga.



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

Na imagem percebe-se a entrada da casa com varanda, sem muro, com telhado baixo, janelas e portas de madeira características das cidades sertanejas, sempre abertas a receber. A estrutura possibilita as conversas na varanda e a observação do lugar, o convívio harmonioso entre as pessoas e o espaço. Essa relação entre os indivíduos foi revelada pelos entrevistados, o dom de receber do sertanejo, como descreve os trechos abaixo:

“O sertanejo é uma pessoa dedicada à família, ao trabalho, com muita serenidade e responsabilidade, onde tem o dom de acolher com muito bom gosto todos que passam ao seu redor. O Sertão representa terra de gente sofrida, mas com muita garra e disposição para enfrentar as dificuldades que venham a existir no seu redor com união e confiança. O que mais gosto em Ibicuitinga? A convivência que as pessoas têm com as outras, o respeito e acima de tudo a confiança que as pessoas depositam uma nas outras.” Depoimento de João (nome fictício). Fonte: Adriano, C. N. (2014).

“O que mais gosto na cidade? A relação amistosa, a tranquilidade, a solidariedade quando a fatalidade atinge alguma família.” Depoimento de Maria (nome fictício). Fonte: Adriano, C. N. (2014).

O sertanejo tem uma relação muito próxima e íntima com o tempo, o trabalho, as pessoas e a hospitalidade. Para ele não existe um período temporal específico para essas atividades. Não há horário comercial no sertão. Não há ambiente de trabalho diferente de ambiente de casa. Há familiaridade com as pessoas que se relaciona, seja no trabalho, nas horas de alimentação ou no lazer, além de normalmente serem as mesmas. O ato de receber é humanizado e frequente, pois o sentimento familiar está contido na relação com amigos, sejam parentes ou não. É uma relação amistosa e solidária, como se em cada casa de um sertanejo tivesse um pouquinho do outro e pertence ao outro. Assim os sertanejos sempre se sentem em casa, seja na casa do vizinho, do irmão, do pai, do compadre, do até desconhecido. Porque um se reconhece no outro, uma relação identitária.

E assim continua o cotidiano do sertanejo:

- Hora do almoço: por volta das onze horas, bate aquela fome, é hora de almoçar. No prato tem sempre arroz, feijão e cuscuz, acompanhado de cozidos, que podem ser de gado, carneiro, porco ou frango (galinha para os sertanejos). Ovo caipira frito e banana são opções que se adicionam na refeição, para dar mais gosto. Comida farta, com porções grandes, para dar “sustança” para o resto do dia. Para finalizar, um pedaço de rapadura para adoçar a boca e um pouco de água. Pronto, acabou o almoço, é hora de descansar. “A comida pesou”. O corpo pede um descanso. Hora da “cesta” (“cochilo” após o almoço). O sol “a pique”, de meio-dia às quatorze horas, é o sol mais quente. Assim o homem do campo obedece ao clima e se recolhe, sem brigas e reclamações. A Natureza é parceira desse homem. Seu corpo pede descanso, o meio ambiente também, e ele obedece.

O horário do almoço traz para análise um lugar muito importante para o sertanejo: a cozinha. Envolvendo a alimentação e técnicas de preparo, este é o lugar das representações, da expressão de regionalidades e da criação. A imagem 13 apresenta a cozinha nos fundos de uma casa em Ibicuitinga, onde se percebe outra característica das casas do Sertão: uma pia em área descoberta, que faz parte dos

fundos da casa, onde são normalmente feitas as refeições, cozinha-se a comida e lavam-se as louças. No outro lado da imagem está a cozinha com fogão à lenha.

Figura 13 – Cozinha dos fundos de uma casa em Ibicuitinga



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

As casas mais antigas sempre possuem fogões à lenha. Segundo os sertanejos, a comida fica mais saborosa. Com a globalização e o acesso às tecnologias, poucas casas não possuem fogões a gás. Esse é um exemplo do avanço tecnológico sendo utilizado nas cidades sertanejas em benefício da população. A lenha, além de requerer muito trabalho para o uso e manuseio, se não retirada adequadamente produz prejuízos ambientais, além dos problemas de saúde que podem surgir com seu uso prolongado. As famílias hoje possuem as duas opções para uso, facilitando o seu cotidiano.

Esse formato é típico das casas antigas, onde o ultimo cômodo é a cozinha, que dá para o quintal, onde são criados galinhas e patos, e cultivadas plantas pequenas, medicinais e hortaliças. A cozinha é o espaço de trabalho e de rápido acesso ao lugar onde se cuida de animais e plantas usados na cozinha. Reduto das mulheres, reflete a mesma organização das roças de plantio e pastoreio.

O dia termina e a noite começa. O sertanejo retorna à sua casa, espaço de convivência social e coletiva.

- Fim de tarde e término da jornada: “o sol baixou”, hora de levantar, terminar os afazeres do dia. Tarde ingrata, pois passa tão rápida que não dá para fazer tudo que tinha que ser feito. Sempre sobra algo no outro dia. Pelo menos assim já tem o que fazer amanhã. Antes de anoitecer, hora de passear. Ao voltar da lida, o sertanejo toma seu banho, pega umas cadeiras e coloca na calçada. Hora das crianças correrem e brincarem nas ruas (de terra) e os adultos conversarem nas portas e janelas das casas para falar do trabalho, da família, do clima, das pessoas, da terra, da cidade.
- Anoiteceu, muitas pessoas se recolhem para dormir. Por volta das dezoito horas o sertanejo faz sua última refeição da noite. Dessa vez o prato tem menos comida, sendo muitas vezes uma sopa, uma canja ou um caldo. Alguns ainda continuam a conversa, outros veem TV, mas muitos já se organizam para dormir. Amanhã tem que “cuidar” bem cedo. Por volta das 21 horas não se vê mais movimento, as casas das cidades sertanejas fecham suas portas, sem “trancas” (cadeados ou cercas elétricas) e dormem à espera do novo dia.

O dia do sertanejo é intenso, pois está sempre em movimento, mas ao mesmo tempo, calmo, porque aceita o tempo da natureza e justifica os problemas com religiosidade. O lugar do sertanejo é sua casa, sua rua, seu vilarejo. A imagem 14 apresenta uma típica rua de Ibicuitinga, a Rua Coronel José Melquiades, no bairro Vila dos Sales.

Figura 14 – Rua Coronel José Melquiades em Ibicuitinga



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

Na imagem 14 identificam-se outros elementos das zonas urbanas dos espaços sertanejos: as calçadas arborizadas, as ruas não asfaltadas de paralelepípedos. Esse ambiente simples e bucólico possibilita que as pessoas caminhem pelas cidades de forma agradável, que motos e carros se desloquem com facilidade, proporcionando o encontro dessas pessoas. O rural e o urbano se encontrando no mesmo espaço.

A religiosidade é outro traço forte no sertão e em Ibicuitinga isso não é diferente. A figura 15 mostra a Igreja Matriz. A festa da Padroeira, Nossa Senhora dos Remédios, movimenta bastante a cidade com quermesse, bingos, procissão e outros

festejos. A igreja está localizada em um espaço arborizado, que acolhe bem esses momentos, além de estar na rua principal da cidade.

Figura 15 – Igreja Matriz de Ibicuitinga



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

Essa religiosidade é descrita pelos residentes, como se observa nos trechos abaixo:

“O sertanejo ibicuitinguense é acima de tudo aquele homem de fé, que observa a natureza e seus sinais, aguardando o grande momento da chuva, anunciando o inverno. E quando ocorre esse fenômeno, retira seu chapéu, dobra seus joelhos para agradecer a Deus a próspera colheita de feijão tradicional da região.” Depoimento de Francisco (nome fictício). Fonte: Adriano, C. N. (2014)

“A festa da padroeira de Nossa Senhora dos Remédios é importante para a cidade porque a devoção é a origem de como nasceu a nossa fé que já herdamos dos nossos pais, avós e queremos cultivar repassando as novas gerações. Tem também a festa de São José, no açude dos Pinheiros, é onde vamos pedir ou agradecer as chuvas deste sertão sofrido.” Depoimento de Josefa (nome fictício). Fonte: Adriano, C. N. (2014)

A tentativa de compreender o universo sertanejo passa por uma reflexão sobre a cultura religiosa dessa gente, que sempre ocupou espaço nas discussões em torno da atuação da Igreja católica no Brasil, ora apresentada como uma anomalia, fanatismo, fetichismo, ora como elemento de luta contra a opressão. Discurso da

salvação, construção do paraíso terrestre, existência das irmandades, presença dos beatos, cangaceiros, famílias se digladiando em disputa pelo poder não são fatos de um roteiro de minissérie de televisão. Esses são personagens da vida real, dos sertões do nordeste brasileiro envolvidos em movimentos socioreligiosos que marcaram profundamente as relações entre a Igreja, o Estado e o povo.

Figura 16 – Praça de Ibicuitinga



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

A figura 16 apresenta outro lugar de bastante identidade para o sertanejo: a praça. Elas são ambientes da coletividade, do lazer e dos passeios. As pequenas cidades não possuem muitas opções de lazer coletivo. As praças têm tarefa importante, de possibilitar o lugar para o lazer e o convívio das famílias, das crianças, dos jovens, dos sertanejos.

A valorização do patrimônio cultural surge como um fator de memória das sociedades, pois além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes

materiais e imateriais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens reviverem o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, fornecendo o sentido de grupo. Esse sentimento de coletivo deve ser preservado em Ibicuitinga. Essas histórias contadas de pai para filho devem permanecer, pois são patrimônios vivos de uma memória singular do sertão cearense.

O sertão consegue manter seu passado de forma muito singular, através de suas memórias e histórias, conservando, por sua vez, a identidade do povo sertanejo. O sertanejo não possui férias, pois ele faz seu tempo do trabalho, do ócio, do lazer. Ele tem um calendário próprio, que determina suas ações do ano. Esse calendário é regido pelo tempo/clima regional.

Esses escritos e características pretendem mostrar o diferencial dessa região. Não se tem mais tantos lugares com essas características tão presentes no cotidiano das pessoas. A globalização, como bem discutido no referencial teórico, padroniza até a cultura. Esses patrimônios culturais em Ibicuitinga são muitas vezes despercebidos pelos cidadãos locais, mas sua importância está lá e é necessário refletir sobre isso.

3. POSSIBILIDADES DO TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL DE IBICUITINGA

Entender a cidade de Ibicuitinga é compreender suas limitações, apresentando contribuições para o desenvolvimento do município sertanejo, pensando nesse desenvolvimento e buscando possibilidades de uso e conservação do patrimônio em Ibicuitinga. Os procedimentos básicos utilizados para a realização do estudo foram as pesquisas de campo, o estudo e a análise bibliográfica, documental e em meios eletrônicos, com o objetivo de resguardar o caráter científico do trabalho, assim como teorizar os aspectos defendidos durante a pesquisa e discussão de resultados.

Deste modo, durante todo o processo de coleta de dados, foram realizadas simultaneamente consultas que procuraram estabelecer o embasamento teórico que nortearam todo o método de construção da pesquisa, visando estabelecer parâmetros científicos para o desenvolvimento do tema proposto. É importante destacar que as informações coletadas sobre os atrativos selecionados foram dados primários e secundários. Refletindo sobre esse contexto apresentado e as informações já obtidas, desenvolveram-se as análises.

Para a elaboração da análise e desenvolvimento de propostas foi necessário o estudo do município identificando os problemas e as possibilidades. Analisando Ibicuitinga encontram-se os seguintes:

POSSIBILIDADES
<ul style="list-style-type: none">▪ Grande população adulta, economicamente ativa.▪ Quase 50% de habitantes na zona rural.▪ Temperatura tropical.▪ História recente, com população ainda viva para contar a mesma.▪ Características e costumes típicos de uma cidade sertaneja. Ainda não perdeu seus traços do Sertão e de cidade pequena.▪ Localização dentro do Sertão Central.▪ Desenvolvimento cultural da região, principalmente no turismo.▪ Vocação agropecuária da região.

PROBLEMAS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Renda per capita familiar muito baixa. ▪ Número pequeno de empregos formais. ▪ Porcentagem alta de população na extrema pobreza. ▪ Alto índice de analfabetismo e abandono escolar infantil. ▪ Diminuição gradativa da população rural. ▪ Diminuição gradativa da população infantil. ▪ Ausência de organização agropecuária, principal vocação econômica da cidade. ▪ Tamanho da cidade em detrimento das grandes ao seu redor. ▪ Secas. ▪ Desenvolvimento dos municípios vizinhos. ▪ Pouco investimento do governo federal e estadual em cultura, lazer e arte.

No estado do Ceará há um notório abandono dos patrimônios culturais. Sua situação, na maioria dos casos, é de inexistência de qualquer atividade ocorrente, seja em posse do Poder Público ou particular. Observando o quadro descrito acima e o contexto do estado, o turismo cultural apresenta-se como alternativa para melhoria dos problemas e para o desenvolvimento local.

O turismo é uma das atividades que mais utiliza o legado cultural de uma localidade. Os cultivos desses locais tornam-se diferenciais turísticos e fator de boa promoção publicitária. O turista vem à procura de conhecer o lugar e esse meio nada mais é que a consequência da relação do povo com o sertão.

É bem verdade que o turismo, devido à grande segmentação, atende pessoas com outros interesses além da cultura. A cultura local pode ser o motor para o turismo. No sistema globalizado, a padronização dificulta a identidade local, que se extingue sem peculiaridades, especificidades e diferenciais. Por que um indivíduo viajaria para uma cidade que possui as mesmas opções que a sua? O que lhe motivaria? Uma vez poderia acontecer, devido à curiosidade do ser humano, porém o retorno

seria um pouco difícil. Mesmo nos casos de turismo de eventos ou de negócios, as cidades que possuem variedades de atrativos são favorecidas na escolha. Nesse ano aconteceram dois grandes eventos em Paraty, que é uma cidade voltada para o turismo cultural, porém, esse diferencial levou-a a ser escolhida, pois a cada dia se percebe um entrelaçamento entre as práticas de turismo. O viajante que vai a trabalho terá naturalmente algum tempo de lazer e a utilização deste tempo em locais agradáveis é forte concorrência para os locais padronizados.

McIntosh, Goeldner e Ritchie (apud Cooper et al, 2001) utilizam quatro categorias motivadoras da atividade turística:

1. Motivadores físicos: são relacionados às atividades que proporcionam o relaxamento do corpo e da mente, às questões de saúde, aos esportes e aos prazeres.
2. Motivadores culturais: o grupo que deseja buscar novas e diferentes experiências, seja com familiares, seja com amigos.
3. Motivadores de status e prestígio: são identificados por ações que lhes proporcionam reconhecimento e status no grupo inserido, sendo seu principal objetivo a atenção dos outros em suas atividades.

A demanda turística é influenciada por essas motivações, porém, elas não determinam isoladamente a viagem turística. Existem fatores determinantes que estão ligados ao estilo de vida da pessoa. Dentre elas encontram-se a renda, o emprego, as férias e a educação, sendo necessárias adequações nesses parâmetros para a execução.

A escolha do destino turístico depende também da vivência e do ambiente que o viajante se encontra. O estado econômico e social também interferiu na escolha. São necessários cada vez mais produtos específicos, pois cada turista é diferente do outro, como os seres humanos, devido ao meio em que viveu. Interferências socioeconômicas, culturais, familiares, educacionais, de sua personalidade e de status são os principais fatores que influenciam direta ou indiretamente na escolha. O nível educacional é imprescindível na escolha do destino, pois proporciona uma

ampliação dos horizontes e do estímulo ao desejo de viajar. Além disso, interferirá na procura de obtenção de informações, história, infraestrutura do local estrangeiro ao turista (COOPER et al, 2001).

O destino, por sua vez, deve produzir apelos para promover seu local. Eles podem ser específicos, tratar de uma simples característica, ou abrangentes, com assuntos completos. No estado do Ceará, na cidade de Nova Olinda, desenvolve-se a atividade turística tendo como atrativo o centro de comunicação de jovens e crianças da região. No outro contexto cita-se o município de Guaramiranga, que pelo seu clima frio desenvolveu uma atividade totalmente voltada para esse público, com hospedagem e culinária típicas da temperatura, um diferencial num estado tão seco e simples. Ambos encontram-se no Estado do Ceará. Aqui se demonstrará somente os principais apelos culturais, devido a suas inúmeras possibilidades e ao objeto do presente estudo.

As artes, num conceito *lato sensu*, consistem numa importante motivação para seus adeptos. A música e a dança são outros recursos que promovem grandes espetáculos e tornam-se referências das regiões. Notórios exemplos encontram-se na Rússia, com seu esplendoroso balé; na Argentina, com seu tango característico; e na Tailândia, por suas apresentações típicas. Na música, o Brasil é bastante reconhecido e não existe quem não se encante com os ritmos nacionais, como frevo, samba, maracatu, forró; atrativo sem igual, ainda não explorado com tanta seriedade pelos brasileiros. O artesanato e a literatura também influenciam, porém a gastronomia impera na escolha, pois é bastante rica cultural e socialmente, retratando toda a vida de um povo.

A história é atualmente o fator mais discutido no *trade* turístico, tanto pela sua importância agregadora, como por sua sobrevivência. A todos os outros apelos ela pode ser inserida, valorizando ainda mais o bem utilizado. A dança folclórica, o artesanato, a culinária, todos possuem histórias a serem contadas para conhecimento da cultura local.

A partir desses apelos junto ao público alvo, influenciado pelas motivações, segmenta-se o turismo, podendo ser dividido em várias formas, pelo tempo da viagem, pelo transporte utilizado, pelo número de pessoas, pela situação financeira, pela idade, a preferência do público, os destinos visitados. É é nessa segmentação que se propõe o uso do potencial turístico dos patrimônios históricos da cidade de Ibicuitinga, mostrando a possibilidade dos mesmos no turismo cultural.

Devido à semelhança de características, propõe-se o desenvolvimento aproveitando o patrimônio da cidade como um único apelo. Porém propõe-se desenvolver ações globais, que são mais complexas e decorrem de processos mais longos. Analisando cada patrimônio, a força como atrativo será pequena para a concorrência e descartará a relação entre eles, que é de grande apreço.

A principal vertente para utilização dos patrimônios de Ibicuitinga provém do turismo cultural que ocorre quando a principal motivação do deslocamento é a cultura humana, das mais variadas formas. De acordo com a Organização Mundial do Turismo, turismo cultural é a procura por estudos, cultura, artes cênicas, festivais, monumentos, sítios históricos ou arqueológicos, manifestações folclóricas ou peregrinações (BARRETTO, 2003).

Notifica-se uma transformação nesse público. Eles atualmente são movidos pela busca de modos de vida alternativos, autenticidade, contato com novas culturas, enquanto alguns procuram somente a fuga de seu cotidiano para lugares que ofereçam muitos equipamentos recreativos e onde haja possibilidade de relaxamento físico. Essa busca pela cultura passada e atual tem levado, por um lado, a um crescimento do turismo histórico, artístico e cultural.

O turismo cultural propõe o equilíbrio da preservação e da proteção; a estabilidade no controle do crescimento segundo a capacidade dos recursos históricos, naturais e culturais; o resguardo a autenticidade ao invés de fazer concessões para construções incompatíveis; a difusão de temas delicados relacionados com a cultura, sem explorar grupos étnicos; e o conhecimento da vontade dos moradores dos locais que querem compartilhar ou reservar para o desfrute local.

Há uma grande discussão nos usos dos patrimônios e nas manifestações locais no turismo, pois estudiosos acreditam na descaracterização das ações turísticas, devido principalmente às consequências do turismo de massa na deterioração dos espaços e falta de planejamento turístico, por tornar o legado cultural um bem de consumo. Porém, é necessário observar que o público desse segmento se adequa facilmente à cultura local, pois vai à procura desta, diferentemente dos turistas de massa.

Considerando-se que é no local de destino que o visitante entra em contato com o produto turístico e realiza a sua experiência turística, é importante destacar nesta arena turística a questão da autenticidade que parece estar sendo buscada por estes visitantes em relação à população do destino, uma vez que a dinâmica cultural de um povo está em constante renovação de seus elementos culturais. O “turismo de raízes” é um sub-segmento do turismo cultural que tem atraído significativa atenção em vários lugares do mundo e, recentemente no Brasil, embora ainda sejam muitas as dificuldades encontradas para delimitar as fronteiras desse novo segmento, tanto no plano simbólico no qual se insere a cultura, como no universo dos negócios. Trata-se, portanto, de um campo de investigação recente e complexo, que envolve as especificidades culturais, históricas e políticas de cada local de destino (QUEIROZ, 2012).

Tem-se debatido bastante sobre turismo cultural, seja para transformá-lo em alternativa de roteiro turístico, seja nas políticas de preservação e manutenção do patrimônio. Mas, pouco se fala a respeito do que é sua base: a educação para o envolvimento da comunidade. A população precisa, antes de tudo, se reconhecer, reconhecer sua própria vida, seu passado, sua história, no exato momento em que contemplar um monumento. Ela precisa sentir que aquilo que está a sua frente é uma extensão de si mesma, como se fosse uma simbiose. Partindo disso, a comunidade respeitará naturalmente aquele monumento, podendo até mesmo lutar por sua manutenção. O turismo por sua vez pode auxiliar nesse processo de recuperação da identidade da memória do local, se bem planejado, gerando renda e enfatizando a importância da comunidade e do lugar.

Uma alternativa de desenvolvimento são os Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário, atividades produtivas locais derivadas de fatores naturais e históricos, concentrando no mesmo território micro e pequenas empresas de subsistência (setor informal) com base familiar, baixa competência técnica comercial e gerencial, produzindo atividades terciárias para a cadeia produtiva do turismo.

A implantação e consolidação de APLs requerem alguns elementos: capital social, dimensão territorial, diversidade de atores, conhecimento tácito, inovação, aprendizado, cooperação, governança, organização produtiva, articulação político-institucional, estratégia de mercado. Tiram o foco da acumulação e centram nas pessoas, na cultura, na defesa ambiental com motivações não puramente econômicas. Os principais APLs do Turismo Comunitário do Ceará são: pousadeiras, doceiras, rendeiras, algeiras, tapioqueiras, bugueiros, merendeiras. Atuando para além do turismo e da produção econômica, propõem uma sociedade mais justa e solidária, constroem visão diferenciada de turismo e do desenvolvimento, por estarem voltados à escala humana e territorial (CORIOLANO, 2009).

Os patrimônios da cidade de Ibicuitinga são ferramentas propícias ao turismo cultural, pois como foi relatado, possuem um acervo bastante importante para a história do Ceará e do Sertão Central. Os traços históricos das culturas passadas são notórios, marcados na arquitetura, nos costumes e nos indivíduos. Verifica-se que se podem praticar outras formas de turismo, porém sempre virão do turismo cultural, pois é a forma mais abrangente e utilizada no mundo na exploração de culturas. Existem poucas atividades do gênero na região. Os receptivos parecem não perceber esse potencial. O mesmo acontece com o Poder Público, que não promove o conhecimento de todo esse acervo cultural e histórico do estado. O município de Quixadá iniciou nos últimos anos o desenvolvimento do turismo, com pacotes turísticos, promoção de eventos, segmentação com opções para turismo de aventura e melhoria dos serviços voltados ao turista (pousadas, restaurantes e outros).

É com ações nesse âmbito que Ibicuitinga conseguirá desenvolver-se, utilizando-se dos seus principais patrimônios culturais identificados: agropecuária (principalmente no cultivo do feijão) e o cotidiano da cidade e seus moradores, com histórias e memórias de uma cidade tipicamente sertaneja. Seguindo essa lógica do turismo cultural, com foco no cotidiano sertanejo, é necessário desenvolver uma boa gestão da agropecuária no município, o cultivo do feijão e a melhoria da educação.

A agropecuária é a principal fonte de renda de Ibicuitinga. Essa importância não é somente econômica. A história e a memória da cidade estão envolvidas e embasadas por esse setor. Conceitualmente, a agropecuária é responsável pela produção de bens de consumo, mediante o cultivo de plantas e da criação de animais como gado, suínos, aves, entre outros. É praticada em geral por pequenos produtores que utilizam práticas tradicionais, onde o conhecimento das técnicas é repassado através de gerações.

Uma das propostas que temos para o município é o fomento e o incentivo a organização desse setor, entendendo-o como mola propulsora da cidade e meio de valorização do patrimônio cultural da região. Não se pode pensar em Ibicuitinga sem pensar no cultivo de plantas e criação de animais. Organizar como forma de preservar a cultura e desenvolver-se economicamente, essa é a proposta.

A divisão de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) publicou um estudo em junho de 2012, chamado Relatório Desenvolvimento Sustentável no Século 21, que descreve um pouco a situação desse setor e sugere algumas ações. Dentre as prioritárias da agropecuária foram detectadas pelos estudiosos as seguintes:

- Investir prioritariamente nos pequenos e médios produtores organizados (com ênfase para as mulheres agricultoras).
- Instituir uma meta de produção sustentável, definida em função da nutrição humana em vez de ser focada simplesmente na ideia de produzir mais.
- Buscar alta produção com conservação ambiental, que não deve se opor, tendo políticas e uma agenda de pesquisa compatível para esse objetivo.

- Estimular a inovação e a disponibilização de diversas tecnologias de produção sustentáveis, aplicáveis para diferentes contextos socioeconômicos e ecológicos. Logo, evitar os pacotes tecnológicos, dominantes na agropecuária nacional.
- Reduzir significativamente as perdas em toda a cadeia de alimentos.
- Desenvolver políticas de produção de biocombustíveis de maneira descentralizada, evitando que estes substituam a produção de alimentos. As políticas devem se somar para promover a segurança alimentar e energética, contribuindo para diversificar e restaurar as paisagens rurais.
- Medir de maneira inteligente e transparente os resultados rumo à sustentabilidade.

O relatório é realista e registra que a situação como está não é uma opção para o alcance sustentável. E adiciona que um "esverdeamento" parcial não é suficiente, sendo necessária uma visão ampla e sistêmica e a reconstrução do setor com novas tecnologias e políticas. O papel da extensão rural e do cooperativismo é colocado como central, na contramão da situação brasileira, em que muitas cooperativas viraram revendas de insumos e os produtores são assistidos por técnicos de multinacionais de empresas de agroquímicos e sementes. Outro destaque do estudo é a busca do equilíbrio entre o papel do Estado, do setor empresarial e da comunidade, que são vistos como complementares ao invés de antagônicos.

A organização da comunidade é um fator primordial para criar-se uma dinâmica própria e avançar para o desenvolvimento local. Para o entendimento da dimensão local do desenvolvimento sustentável, a organização em rede é substancialmente para a visualização e entendimento das inter-relações existentes entre os atores participantes de uma comunidade. Vale ressaltar a necessidade de integração entre o uso da terra e os serviços ambientais para a qualidade de vida local e global.

Os desafios são enormes, mas a única opção é enfrentá-los. Pensando sempre na situação especial vivida por Ibicuitinga, numa localização privilegiada, com disponibilidade de terras e condições naturais para produzir, tem-se que "fazer algo". Possui as ferramentas de trabalho, precisando somente se organizar e produzir. Aos

poucos a sociedade civil local está despertando para a importância do campo para a sua vida. A grande lacuna ainda está na desconexão e nas contradições das políticas públicas que devem criar as condições para a construção de uma nova agropecuária.

Somente se avançará quando as políticas passarem de setoriais para sistemáticas e coordenadas. Fica evidente a importância da integração de políticas econômicas, sociais e ambientais. Não há fórmula para isto, mas o que se sabe é que tratar cada tema separadamente gera enormes contradições, perda de energia e muitas dificuldades para o avanço rumo ao desenvolvimento sustentável.

Refletindo sobre os conceitos estudados, de desenvolvimento local, de patrimônio cultural e de espaço, sugere-se desenvolver ações quanto à agropecuária, seguindo os seguintes princípios:

- A manutenção, em longo prazo, dos recursos naturais e da produtividade agrícola.
- O mínimo de impactos adversos ao meio ambiente.
- Retornos adequados aos produtores.
- Otimização da produção com um mínimo de insumos externos.
- Satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda.
- Atendimento às necessidades sociais das famílias e das comunidades rurais.
- Melhoria nos estudos fundamentais e técnicos.
- Organização de outros plantios, entretanto focada no cultivo do feijão.

A proposta é que se discuta entre os sujeitos sociais de Ibicuitinga um plano de desenvolvimento que vise à organização da agropecuária local, com ações específicas. Sugere-se, ainda, que primeiramente seja feito um diagnóstico da situação atual e um planejamento, buscando a melhoria dos problemas identificados por todos e o desenvolvimento das ações determinadas no planejamento. Esse plano deve ser monitorado e avaliado periodicamente por uma comissão eleita pelo próprio grupo de atores. Esse acompanhamento é primordial para o pleno sucesso da ação. Para finalizar, identificam-se algumas atividades que podem contribuir na organização do setor e serem usadas no plano. Seguem abaixo as mesmas,

lembrando que são apenas sugestões e que devem ser levadas ao coletivo para discussão. Assim, propõem-se as seguintes ações:

- Promover maior integração das ações entre o comércio e a indústria.
- Articular-se com entidades públicas e privadas para a promoção de convênios e a implantação de programas e projetos nas áreas de agropecuária.
- Incentivar e orientar a formação de associações, cooperativas e outras modalidades de organizações.
- Organizar e administrar os serviços municipais de mercados, feiras livres e outras formas de distribuição de alimentos de primeira necessidade.
- Elaborar projetos de incentivo à agricultura familiar.
- Elaborar projetos e programas visando à valorização da ação comunitária de modo a buscar soluções de emprego e aumento da renda do trabalhador, seguindo a legislação trabalhista.
- Auxiliar o desenvolvimento do turismo cultural.

Outra sugestão da autora é organizar em Ibicuitinga um “mote” para o turismo e economia. Como o cultivo do feijão é uma das riquezas do município, sugere-se que seja desenvolvida uma cultura organizacional do feijão, tornando a cidade reconhecida por tal produto, tanto regional como nacionalmente.

Exemplos desses chamados “ícones” das cidades são duas experiências de cidades que possuem reconhecimento devido sua gastronomia. São elas Caicó, no Rio Grande do Norte, e Jaguaribe, no interior do Ceará.

A cidade de Caicó está localizada no sertão do Rio Grande do Norte e é conhecida por produzir a melhor carne de sol do Brasil. Não há quem aprecie essa iguaria e não se lembre da cidade. Até o valor de mercado da carne é bem acima do normal, devido à sua qualidade e à sua demanda. Do mesmo jeito ocorre em Jaguaribe, cidade cearense, com relação à produção de queijos. A maioria dos visitantes da cidade compra pelo menos uma unidade. Hoje se compra queijo de Jaguaribe e carne de sol de Caicó em quase todo o território brasileiro. A vocação dessas cidades contribuiu para o desenvolvimento tanto do turismo na região, com visitantes

à procura dessas iguarias, como da economia, quando se exporta esses produtos para venda em outros estados.

Em Jaguaribe também se promove o festival do queijo. Além de palestras e oficinas, ministradas por especialistas nas áreas de produção de leite e queijo, há concursos gastronômicos com a escolha do melhor queijo e o melhor prato à base de queijo coalho. O VIII Festival do Queijo de Jaguaribe tem o intuito de reunir produtores, valorizar a produção do queijo artesanal local, bem como contribuir com informações para toda a cadeia produtiva do queijo. O alimento que se transformou em identidade de um povo conquistou não só o Estado, mas também o reconhecimento do país inteiro. Esses eventos gastronômicos são desenvolvidos em muitas cidades, movimentando a economia e o turismo.

É nesse intuito que se propõe esse ícone em Ibicuitinga, tornando-a a “cidade do feijão”, com restaurantes especializados em comidas vindas desse produto, com plantações em fazendas para venda e consumo interno e externo, com estudos que mostrem os benefícios e melhorias nessa produção e, finalmente, com organizações de eventos que promovam e discutam essa cultura.

Figura 17 – Plantação de Feijão em Ibicuitinga



Fonte: Adriano, C. N. (2014)

Por fim, a autora sugere uma ação focada especificamente na educação. Ao discutirem-se os dados escolares do município e os conceitos de identidade e cultura como ferramentas para conservação dos patrimônios culturais, propõe-se a inserção da história local no currículo escolar dos alunos com o intuito de conscientizar e sensibilizar desde cedo a população. Assim, propõe-se a inserção da educação patrimonial nas escolas do município.

Partir do cotidiano dos alunos e do professor significa trabalhar conteúdos que dizem respeito à sua vida pública e privada, individual e coletiva. A história local como estratégia de ensino, além dos manuais didáticos articulando conteúdos nacionais e mundiais, levará o aluno a desenvolver a consciência histórica, pois conseguirá perceber a história da sua localidade sendo parte dela. Além disso, aprofundará seus conhecimentos e ampliará sua postura crítica, produzindo, construindo e reformulando novas ideias.

A sociedade foi constituindo-se com as mudanças ocorridas no passado e estas seguem as necessidades da comunidade. Partindo dessa perspectiva é que se considera que os conteúdos sejam trabalhados de forma contextualizada com o seu momento histórico e relacionados com o momento atual.

É preciso formar professores que tenham claro o papel da história no currículo escolar, para que ocorra uma renovação na prática educativa. Abordando a história local, os alunos passam a compreender que a realidade histórica de sua localidade não está isolada no mundo, mas é parte do processo histórico. Aprendem a valorizar as múltiplas identidades culturais e sociais às quais estão expostos, respeitando-as. O não ensino da história local acaba por induzir os alunos das camadas mais populares a pensar que não possuem história digna de valor, que apenas os nomes de vulto merecem ser registrados na história e eles não.

As publicações locais, escritas por moradores da cidade, devem ser utilizadas também dentro do espaço escolar como forma de oportunizar o aprendizado da história local. Estas publicações, por serem de autoria de munícipes, trazem, além

da história, a experiência do autor na sua cidade, e torna-se um objeto de investigação mais interessante para o aluno.

A valorização da memória do município favorece o surgimento de um espírito crítico e comprometido com o bem comum. Quando a escola envolve a comunidade no processo de ensino, agrega novos saberes, pois junto à comunidade está a história que não se encontra escrita em nenhum livro. Dessa forma, com essas propostas deseja-se instigar o município a buscar novas alternativas de desenvolvimento local, buscando a melhoria de vida da população local, em harmonia com o ambiente e as necessidades econômicas e fisiológicas.

Um dos principais objetivos do turismo é resgatar e incentivar a identidade cultural local e isso só acontecerá se as memórias e as histórias de um povo forem fortalecidas através de suas manifestações artísticas, seja pelas suas músicas, danças e culinária.

Fomentar o turismo a partir do entendimento das memórias e histórias de um povo é considerar que aquilo que a comunidade entende como fundamental e representativo da simbologia local, precisa ser mantido como valorização das características da própria comunidade. Esta é a proposta de reflexão deste trabalho. Em suma, já que a cultura de um povo, através das suas memórias e identidades, é dotada de diversos símbolos que compõem a totalidade da comunidade, é importante preservá-los durante as várias gerações, através da consciência da própria identidade e da valorização dos elementos simbólicos que integram seu cotidiano. Assim, o turismo auxiliará não somente no desenvolvimento econômico, mas, também, nos aspectos socioculturais do município de Ibicuitinga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão da dissertação constitui, na realidade, uma reflexão à forma como o patrimônio cultural local é tratado na cidade de Ibicuitinga, além de proposições importantes que foram construídas no decorrer do estudo.

A investigação mostrou a importância e o valor do conhecimento tradicional local entrelaçando-se ao conhecimento científico. É uma incógnita avaliar até que ponto a cultura pode ser considerada um vetor importante para o desenvolvimento de uma comunidade. Contudo, conclui-se que a questão cultural é uma ferramenta fundamental para a inserção de ações que possam promulgar o desenvolvimento de atividades paralelas que têm em sua base a cultura como alternativa ao fortalecimento de práticas inovadoras, de subsistência e de resistência sociocultural.

O fator cultural, em vista ao desenvolvimento, deve ser analisado como uma garantia do bem-estar local para atender às aspirações da comunidade e superar seus maiores problemas.

Não existe uma fórmula que possa proceder no sucesso almejado diante da prerrogativa de desenvolvimento local. Todavia, afirma-se que esta estratégia será bem sucedida caso venha a considerar as potencialidades endógenas da comunidade no que diz respeito ao seu legado cultural como subsídio ao resgate de suas manifestações, sejam elas repassadas de geração em geração por meio da memória coletiva ou na aquisição e assimilação de novos conhecimentos. Buscando identificar a cultura como fator endógeno de desenvolvimento por propiciar as melhorias advindas das potencialidades locais, o patrimônio histórico-cultural, quando preservado e respeitado por todos os grupos sociais, a começar pela própria comunidade local, apresenta caráter integrador que estimula o desejo do grupo social em buscar contínuas melhorias em função da valorização de seus hábitos culturais.

A valorização do patrimônio é muito importante nesse momento para a cidade. Podem-se verificar traços culturais fortes no cotidiano. No entanto a globalização,

como bem se discute no referencial teórico, padroniza e mercantiliza a cultura. Os jovens estão no 'mundo da internet'. Sem entender que sua cidade e seus costumes são parte de sua riqueza pessoal, vão cada vez mais procurar ser e ter o que a sociedade impõe para ele e não vão achar importante o saber de sua terra, de seus antepassados. Se eles não considerarem a história local como sua, eles não a valorizarão. A sociedade do consumo ensinou que o que é "velho" não serve. Precisa-se ter sempre a inovação, o mais moderno, o diferente, o mais novo, assim tem-se "status". Para ser o popular (como se dizia antigamente) da turma é preciso "ter" esses produtos e seguir esses costumes. Ser "popular" é ser de um grupo. O ser humano precisa se sentir em grupo para se sentir forte, sentir que tem um significado. O homem quer ter uma família, fazer parte de um grupo. O capitalismo, no entanto, define os critérios de participação de um grupo, o "ter", e não princípios sociais como respeito, solidariedade e amor.

Não se pode negar o progresso. As evoluções da tecnologia e da ciência precisam e devem ser propagadas, no entanto com objetivos sociais e coletivos. Um bom exemplo é o uso desse avanço tecnológico para melhoria dos problemas das secas. Entretanto na maioria das vezes, o sistema em que se vive não traz dessa forma o progresso. Ele vem em formato de produtos cada vez mais descartáveis e sem valor pessoal.

A pesquisa sobre o patrimônio cultural também nos trouxe alguns dados alarmantes sobre a realidade em que vive o município quanto à educação, ao emprego e à renda. A população rural a cada ano diminui, mesmo tendo a agricultura e a pecuária como maior fonte de renda local. As condições de trabalho no âmbito urbano não suprem a força de trabalho que vem do campo.

A ausência de políticas integradas também é algo que interfere bastante no desenvolvimento do município. O poder público municipal não dialoga com a sociedade civil e nem com o empresariado. Cada setor tende a desenvolver ações pensando exclusivamente na melhoria do seu trabalho. No entanto, tal ação não tem o resultado esperado, porque não tem sustentabilidade. Para melhoria de vida e da

produção local é necessário uma ação integrada entre prefeitura, comunidade e empresários.

Ibicuitinga, no Sertão Central castigado pelas secas há séculos, precisa pensar de forma sistêmica, se articulando interna e externamente. Integrar os poderes e possibilitar novas alternativas para a resolução de seus problemas, onde um ator contribui com o outro. A seca, por exemplo, requer uma organização de todos os entes locais, para buscar melhorias locais e nacionais. Hoje, as cidades cearenses ainda sofrem bastante nesses períodos, com diminuição da produção, ausência de abastecimento de água e morte de animais. Existem soluções viáveis para resolução dos problemas das secas, como irrigação, no entanto isso requer decisões políticas. Somente a comunidade organizada, não somente a nível local, mas regional e nacional, conseguem mudanças efetivas para essa situação.

Pode-se concluir que o desenvolvimento deve ser pensando a partir da riqueza que o lugar possui no que diz respeito à cultura herdada, às atividades predominantes da região, às possibilidades existentes, e, nesse sentido, as soluções para determinada região deverão ser pensadas de forma a atender às suas necessidades e à sua qualidade de vida local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB´SABER, Aziz. **Sertões e Sertanejos: uma Geografia sofrida**. Estudos Avançados. São Paulo: USP. V. 13, n. 36, 1999.
- ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no Nordeste**. Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- ARRUDA, G. **Natureza, fronteiras e territórios: imagens e narrativas**. Londrina: EDUEL, 2005.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**. 3ªed. Campinas: Papyrus, 2003.
- BENEVIDES, I. P.; GARCIA, F. E. S. Imagens urbanas depuradas pelo turismo: Curitiba e Fortaleza. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e modernidade e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1998
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.
- CHAGAS, L. L. **Do Arado ao Bordado**: Mudança no trabalho do homem do Sertão. Fortaleza: UNIFOR, 2007.
- CENTRO CULTURAL DE ARTE DRAGÃO DO MAR. Folder da Exposição Vaqueiros. Fortaleza: 2014.
- CHACON, S. S. **Análise das políticas públicas para o sertão semi-árido: promoção do desenvolvimento sustentável ou fortalecimentos da pobreza**. Fortaleza: Unifor, 2007.
- COOPER, C. et al. **Turismo, princípios e práticas**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira (et al.). **Arranjos produtivos locais do Turismo Comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- _____. **Turismo, a exclusão e a inclusão social**. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Sobral: 2004.
- DA MATTA, R. **Você tem Cultura?**. Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.
- _____. **A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EMBRAPA. **Caupi: o feijão do sertão**. Brasília: 2006. (ABC da Agricultura Familiar).

FREIRE, D. ; PEREIRA, L. L. História oral, memória e turismo cultural. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (org.) **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 1998.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro:LTC,1973.

GIRÃO, R.**A história de Morada Nova**. Fortaleza: SUDEC, 1998.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 188 p.

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1977.

IBGE, Dados do município de Ibicuitinga. Rio de Janeiro: 2014.

IPECE. Perfil Básico Municipal. 2011. Disponível na internet: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/perfil-basico-municipal-2011.

Acesso em: 12/12/2013

LÉVI, STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**, São Paulo, Cia Editora nacional, 1976.

LÖWY, M. **Resistências culturais à dominação imperial: A alternativa socialista**. En: Seminário Internacional REG GEN: Alternativas Globalização. Rio de Janeiro, Brasil : UNESCO, 2005. Disponível em World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/reggen/pp22.pdf>.

MARTINS, J C. de O.; CORIOLANO, L. N. C. **Ceará turístico: identidades e identificações entre o sertão e o mar**. Rio de Janeiro: Caderno Virtual de Turismo, vol. 9, núm. 1, 2009, pp. 105-116, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARTINS, J. C. de. **O patrimônio cultural e turismo com responsabilidade social**. Trabalho mimeografiado. UFRN, 2004. 12p.

_____. **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

_____.**Homem e identidade** – o patrimônio humano no desenvolvimento local e no turismo. in: CORIOLANO, L. N.. (org). Turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003.

_____. Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar. são paulo: roca, 2006.

MILANI, C.. **Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**. San José, Costa Rica: IV Conferência Regional. ISTR-LAC, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS-ONU. **Nosso futuro comum**. New York: ONU, 1987.

PEREIRA, J. M. M. **Neoliberalismo, políticas de terra e reforma agrária de mercado na América Latina**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PONTE, S. R. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social**. Fortaleza: Fundação Demócrito Racha, 1993.

PORTIER, W. R. **Sertão praticado, sertão representado: a caatinga como espaço de fartura ou privação, de ficar ou de passar**. Natal: UFRN, 2013.

QUEIROZ, Rachel. **A donzela e a moura torta: 45 crônicas escolhidas**. 2.ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

QUEIROZ, M. **Turismo de raízes**. SP: PUC, 2012.

RABELO, M. E. L. **A formação docente, o processo de escolha e os usos do livro didático de história adotado no município de ibicuitinga / 2008**. Quixadá: UECE, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 5. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SOARES, José Wellington Lucio. **Meruoca: Cidade de lazer, turismo e possibilidades no sertão cearense**. Fortaleza: UECE, 2012.

SOUTO, M. L. **Faces dos novos usos do território litorâneo: lazer e turismo em Praia das Fontes e Prainha do Canto Verde - Beberibe-CE**. Fortaleza: Uece, 2000. 137p. (Dissertação do Mestrado Acadêmico em Geografia)

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. (org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

APÊNDICES

Apêndice 01 – Tópico Guia para Entrevistas

1. Nome:
2. Idade: Sexo:
3. Estado Civil: Qual seu estado civil?
4. Filhos: Você tem filhos? Se sim, Quantos?
5. Escolaridade: Até que série você estudou? Fale um pouco sobre isso...
6. Infância: Como era sua infância em Ibicuitinga? O que você fazia na época...Quais brincadeiras...o dia-a-dia...
7. Adolescência: Como era sua adolescência em Ibicuitinga? O que você fazia na época... Quais atividades, brincadeiras, ocupações...o dia-a-dia...
8. Adulto: Depois de adolescência, como foi sua vida? Onde trabalhou? O que fez?
9. Gastronomia: Que comidas mais lembram sua infância e adolescência? Que comida mais lembra o sertão (Ibicuitinga-Ce)?
10. Festas: Quais as festas mais importantes da cidade para você? E como elas são?
11. Causos: Conte-nos histórias desse lugar...que você participou e ajudou a construir. Como se você fosse descrever a cidade para um amigo, contando-lhe histórias...
12. Ibicuitinga tem patrimônio cultural? Se sim, quais são eles...
13. O que é ser sertanejo, cearense, ibicuitinguense? O representa essa terra: Ceará-Sertão Central-Ibicuitinga?
14. O que mais gosta em Ibicuitinga-Ce?
15. O que é melhor na cidade hoje em dia?
16. O que é pior na cidade hoje em dia?
17. O que você sugere para o desenvolvimento local da cidade? O que deve ser feito para melhorar a cidade?

ANEXOS

Anexo 01 – Músicas

Assum Preto

Luiz Gonzaga

Tudo em vorta é só beleza
Sol de Abril e a mata em frô
Mas Assum Preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor (bis)
Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá de mió (bis)
Assum Preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá (bis)
Assum Preto, o meu cantar
É tão triste como o teu
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, ai, dos óios meus.

Asa Branca

Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo
Qual a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Carcará

Chico Buarque

Carcará
Lá no sertão
É um bicho que avoa que nem avião
É um pássaro malvado
Tem o bico volteado que nem gavião
Carcará
Quando vê roça queimada
Sai voando, cantando,
Carcará
Vai fazer sua caçada
Carcará come inté cobra queimada
Quando chega o tempo da invernada
O sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim num passa fome
Os burrego que nasce na baixada
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Num vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que home
Carcará
Pega, mata e come
Carcará é malvado, é valentão
É a águia de lá do meu sertão
Os burrego novinho num pode andá
Ele puxa o umbigo intematá
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Num vai morrer de fome
Carcará

Mais coragem do que home

Carcará

Maringá

Inezita Barroso

Foi numa leva que a cabocla Maringá
Ficou sendo a retirante que mais dava
o que falar

E junto dela veio alguém que suplicou
Pra que nunca se esquecesse de um
caboclo que ficou

Maringá, Maringá

Depois que tu partiste

Tudo aqui ficou tão triste

Que eu garrei a imaginar

Maringá, Maringá

Para haver felicidade

É preciso que a saudade

Vá bater noutro lugar

Maringá, Maringá

Volta aqui pro meu sertão

Pra de novo o coração

De um caboclo assossegar

Antigamente uma alegria sem igual

Dominava aquela gente da cidade de

Pombal

Mas veio a seca, toda água foi embora

Só restando então a mágoa

Do caboclo quando chora

Anexo 02 – Rede Social do Encontro dos Profetas da Chuva



https://www.facebook.com/profetasdachuva/photos_stream

Divulgação do XVIII Encontro dos Profetas da Chuva em 2014.

